

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Dissertação de Mestrado

***BOM E BEM E SUAS MULTIFUNÇÕES NA FALA DA
REGIÃO SUL DO BRASIL***

Ladigenia Tereza Martins

Florianópolis
Fevereiro - 2003

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
Dissertação de Mestrado

***BOM E BEM E SUAS MULTIFUNÇÕES NA FALA DA
REGIÃO SUL DO BRASIL***

Ladigenia Tereza Martins

**Dissertação de Mestrado em
Sociolingüística, apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Lingüística da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito para a obtenção do título de
Mestre em Lingüística.**

Orientadora: Prof^a Dr.^a Edair Maria Görski

Florianópolis
Fevereiro - 2003

Para Helena Martins de Souza

AGRADECIMENTOS

- À professora e orientadora Edair Maria Görski, pela acolhida a mim e a minha pesquisa.
- Aos meus pais e irmãos, que estão sempre presentes e prontos a me ajudar.
- Ao professor (UFSC), companheiro e amigo Rogério, pelo carinho e apoio demonstrados durante o período de minha formação na graduação e por ter me encorajado a fazer o mestrado.
- Ao professor (UDESC), tio e amigo Luiz pelos socorros de última hora, pelo apoio e pelo incentivo.
- Às colegas (especialmente, Dayse Loreano, Cláudia Rost, Marília Maia Sobral, Sueli Costa e Raquel Freitag), professores e funcionários com quem convivi durante o mestrado.
- Às bolsistas do VARSUL, Simone, Priscilla e Joana.
- Às professoras Izete L. Coelho (UFSC) e Odete da Silva Menon (UFPR), pelas sugestões dadas na defesa de meu projeto de dissertação, por ocasião do Bondeando 2002-1 do Curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC.
- A Deus, pela força que me concedeu para suportar todas as tempestades enfrentadas durante estes dois anos de mestrado.
- À CAPES pela bolsa concedida.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	VIII
LISTA DE TABELAS	IX
RESUMO	01
RÉSUMÉ	02
INTRODUÇÃO	03
 CAPÍTULO I – O FENÔMENO EM ESTUDO	 05
1. O contato com as entrevistas	05
2. <i>Bom e Bem</i> sob o ponto de vista normativo	06
2.1 <i>Bom e Bem</i> , fugindo às normas...	08
3. Marcadores discursivos	10
3.1 Potencial Funcional dos MDs	12
3.2 <i>Bom e Bem</i> no grupo dos MDs	13
4. Definindo especificamente o objeto de análise	16
 CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	 17
1. O Funcionalismo Lingüístico	17
1.1 O termo função na lingüística	18
1.2 As funções da linguagem	19
1.3 A mudança lingüística	20
1.4 Mudança lingüística: gramaticalização e discursivização	20
1.4.1 Gramaticalização	20
1.4.2 Discursivização	22
2. A Teoria Variacionista	25
2.1 O fenômeno discursivo sob a ótica da Teoria Variacionista	28
3. A gramaticalização e a variação	29
 CAPÍTULO III – OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES	 30
1. Objetivos	30

1.1 Objetivo Geral	30
1.2 Objetivos específicos	30
2. Questões e hipóteses	30
 CAPÍTULO IV – METODOLOGIA	 34
1. Análise qualitativa e quantitativa	34
2. A regra variável	34
3. O <i>corpus</i>	35
4. A variável dependente e as variáveis independentes	36
5. Tratamento dos dados	37
 CAPÍTULO V – A MULTIFUNCIONALIDADE DOS ITENS <i>BOM E BEM</i>	 38
1. Bom e Bem no contexto discursivo	38
1.1 A propriedade comum atribuída aos itens	39
1.2 As macrofunções articuladoras interacional e textual	40
1.2.1 A macrofunção articuladora interacional	40
1.2.1.1 A função avaliativa	41
1.2.1.2 A função questionadora	41
1.2.1.3 A função atenuadora	42
1.2.1.4 A função planejamento verbal	43
1.2.1.5 A função prefaciadora	44
1.2.2 A macrofunção articuladora textual	46
1.2.2.1 A função retórica	46
1.2.2.2 A função especificadora	47
1.2.2.3 A função diretiva	48
1.2.2.4 A função enumerativa	49
1.2.2.5 A função seqüenciadora	50
1.2.2.6 A função finalizadora	50
1.2.2.7 A função retomadora	51

CAPÍTULO VI – FUNCIONAMENTO DE <i>BOM E BEM</i>	53
1. Passos iniciais	53
2. Os grupos de fatores condicionadores	54
2.1 Os fatores sociais	54
2.1.1 Idade	56
2.1.2 Cidade	58
2.1.3 Escolaridade	61
2.1.4 Sexo	63
2.1.5 Informantes	65
2.2 Os fatores lingüísticos	67
2.2.1 Macrofunção e função	68
2.2.2 Tipo de seqüência discursiva	72
2.2.3 Coocorrência	75
2.2.4 Posição	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
ANEXOS	88

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Divisão dos MDs em grupos	11
QUADRO 2: Distribuição dos informantes por cidade	36
QUADRO 3: Variável dependente e variáveis independentes	36
QUADRO 4: Multifuncionalidade de <i>Bom e Bem</i>	52
QUADRO 5: Distribuição das variáveis sociais para a escolha de <i>Bom e Bem</i>	55
QUADRO 6: Distribuição das variáveis lingüísticas para a escolha de <i>Bom e Bem</i>	68

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Influência da idade sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> na região sul	57
TABELA 2: Influência da idade sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> no estado do Paraná	57
TABELA 3: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação à idade nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul	58
TABELA 4: Influência da cidade sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> na região sul	59
TABELA 5: Influência da cidade sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> no estado do Paraná	60
TABELA 6: Influência da cidade sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> no estado do Rio Grande do Sul	60
TABELA 7: Influência da escolaridade sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> na região sul	62
TABELA 8: Influência da escolaridade sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> no estado do Rio Grande do Sul	62
TABELA 9: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação à escolaridade nos estados de Santa Catarina e Paraná	63
TABELA 10: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação ao sexo na região sul	64
TABELA 11: Influência do sexo sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> no estado do Paraná	65
TABELA 12: Distribuição dos informantes, por estado, quanto à escolha de <i>Bom</i> , <i>Bem</i> e <i>Bom/Bem</i>	66
TABELA 13: Influência das funções sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> na região sul	69
TABELA 14: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação as macrofunções na região sul	70
TABELA 15: Influência das funções sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> no estado do Paraná	70

TABELA 16: Influência das macrofunções sobre o uso da variante <i>Bom</i> em oposição a <i>Bem</i> no estado do Paraná	71
TABELA 17: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação à sequência discursiva na região sul	74
TABELA 18: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação à sequência discursiva por estado	74
TABELA 19: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação a coocorrência na região sul	76
TABELA 20: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação a coocorrência por estado	77
TABELA 21: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação à posição na região sul	79
TABELA 22: Distribuição do item <i>Bom</i> em relação à posição por estado	80

RESUMO

Particularmente centrados nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Lingüístico e da Teoria da Variação, procuramos nesta pesquisa descrever o comportamento discursivo das palavras *bom* e *bem* na fala de informantes da região sul do Brasil. Para isso, utilizamos dados extraídos de uma amostra composta por 288 entrevistas, pertencente ao Banco de Dados do VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do Brasil).

A partir de uma análise qualitativa, apresentamos as atuações de *bom* e *bem* nos diversos contextos discursivos e caracterizamos suas respectivas funções. Ligados à propriedade comum *de chamada de atenção para a informação*, tratamos as lexias como variantes de uma mesma variável lingüística e, conseqüentemente, dispensamos às formas uma análise quantitativa.

RÉSUMÉ

Particulièrement centrées dans les présupposés théoriques du Fonctionnalisme Linguistique et de la Théorie de la Variation, nous cherchons dans cette recherche décrire le comportement discursif des mots *bon* et *bien* dans la parler des informateurs de la région Sud du Brèsil. Pour cette recherche nous utilisons les interviews qui appartient au Projet VARSUL (Variation Linguistique Urbaine dans le Sud du Brèsil).

À partir d'une analyse qualitative, nous présentons les performances de *bon* et *bien* dans les différents contextes discursifs et nous caractérisons les mots comme variantes d'une même variable linguistique, parce que nous considérons les mots *bon* et *bien* liées avec une propriété commune dénomée "*l'appalée de l'attention pour l'information donnée*". De cette façon, nous dispensons une analyse quantitative les formes.

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, analisamos o comportamento das palavras *bom* e *bem* na fala de informantes dos três estados da região sul do Brasil – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul -, considerando a estratificação social: sexo, idade, escolaridade e cidade.

Investigando as entrevistas que compõem o Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do Brasil), verificamos que *bom* e *bem* estão aparecendo em diferentes contextos que não correspondem aos contextos que lhes caracterizam como adjetivo (*bom*) e advérbio (*bem*). Estes aparecem em contextos que lhes identificam com outras funções pragmático-discursivas, as quais permitem inseri-los no grupo dos marcadores discursivos (MDs). Apoiados no Funcionalismo Lingüístico, buscamos levantar e caracterizar as funções que *bom* e *bem* acabam assumindo a partir dos novos contextos em que aparecem inseridos.

Essas formas foram caracterizadas pela propriedade comum *de chamada de atenção para a informação*, verificada nos contextos de uso das palavras. Isso nos leva a tratá-las como variantes de uma mesma variável lingüística¹.

Dividimos esta dissertação em seis capítulos. No primeiro, descrevemos as palavras que constituem nosso fenômeno de estudo, *bom* e *bem*, observando sua atuação no contexto das entrevistas dos três estados, como marcadores discursivos. Ainda, com base na bibliografia, apresentamos informações acerca dos MDs em geral e dos MDs *bom* e *bem* especificamente. Apresentamos, no segundo capítulo, uma visão geral das duas correntes teóricas que guiam nossa pesquisa, o Funcionalismo Lingüístico e a Teoria da Variação e Mudança. No terceiro capítulo, propomos os objetivos e lançamos as questões e hipóteses que deles emergem, com base nas abordagens teóricas, nas quais nossa pesquisa se insere e nas questões levantadas por outros trabalhos. No quarto capítulo dedicado aos procedimentos metodológicos, descrevemos a abordagem metodológica utilizada e delimitamos a regra variável, excluindo algumas ocorrências, além de apresentarmos, resumidamente, os grupos de fatores condicionadores a serem controlados e realizamos

¹ “Variantes são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística” (TARALLO, 2000:08).

ainda uma caracterização do *corpus*, do qual extraímos nossos dados. No quinto capítulo, tomando como referência outros estudos já realizados, caracterizamos as funções discursivas a partir dos contextos de uso assumidos pelas palavras *bom* e *bem*.

No sexto e último capítulo, realizamos a análise das palavras, com base nos resultados estatísticos, identificando os grupos de fatores de natureza lingüística e social que condicionam ou delimitam o uso das lexias analisadas, indicando um provável processo de mudança² em que estas estão envolvidas.

² Discursivização e/ou Gramaticalização

Capítulo I: O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo focalizamos o objeto de análise que constitui nosso fenômeno de estudo, *bom* e *bem*. Inicialmente, dizemos o porquê do interesse em analisar o comportamento de *bom* e *bem* no discurso.

Em seguida, ao constatarmos que *bom* e *bem* vêm atuando no discurso como marcadores discursivos (MDs), apresentamos, conforme alguns gramáticos, primeiramente as palavras usadas em contextos em que são caracterizadas como adjetivo (*bom*) e como advérbio (*bem*). Depois buscamos evidenciar algumas ocorrências em que as mesmas passam a assumir outras funções no discurso, caracterizando-as então como MDs.

Na seção seguinte, apresentamos informações acerca dos MDs em geral e dos MDs *bom* e *bem* especificamente. Por último, definimos nosso objeto de análise.

1. O contato com as entrevistas

Com intuito de contribuir com estudos que vêm sendo realizados sobre os elementos lingüísticos chamados de marcadores discursivos (MDs) ou marcadores conversacionais (MCs)³, na área da Sociolingüística, propusemo-nos a observar as entrevistas⁴ que compõem o *corpus* de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil)⁵, a fim de encontrarmos dados que pudessem ser enquadrados no grupo desses elementos e que pudessem receber um tratamento variacionista.

A partir da observação das entrevistas, encontramos uma grande quantidade e diversidade de palavras funcionando como MDs, elementos como: *daí, então, assim, quer*

³ Alguns pesquisadores como Marcuschi, 1989 e Urbano, 1997 preferem adotar a denominação “marcadores conversacionais” (MCs). Outros como Rizzo *et al.*, 1996; Castilho, 1989; Martellota, Votre e Cezario, 1996 optam por “marcadores discursivos” (MDs). Neste trabalho, adotamos o rótulo “marcadores discursivos” e usaremos MDs sempre que nos referirmos a eles.

⁴ Observamos todas as entrevistas que compõem o *corpus* do projeto VARSUL, mas somente, analisamos as entrevistas que apresentaram os dados do objeto em estudo.

⁵ No capítulo IV daremos maiores informações sobre o VARSUL.

dizer, olha, veja, sabe?, não tem?, mas, e, bom, bem, entre outros⁶. Estas vão ganhando outras posições no discurso e deixam de estar particularmente mais ligadas às posições e funções morfo-sintáticas antes desempenhadas⁷, passando assim atuar com funções pragmático-discursivas. Dentre as palavras que ainda não foram analisadas, temos *bom* e *bem* que, paralelamente ao emprego de *bom* como adjetivo e *bem* como advérbio e substantivo, em determinadas ocorrências, passam a desempenhar o papel de MDs. Nesta dissertação, portanto, pretendemos descrever e analisar o comportamento das lexias *bom* e *bem* no discurso.

2. *Bom* e *Bem* sob o ponto de vista normativo

A tradição gramatical nos leva a enquadrar *bom* na classe dos adjetivos e *bem* na classe dos advérbios e substantivos⁸, sendo o adjetivo a palavra variável que modifica o substantivo, indicando “qualidade, defeito, aparência, estado dos seres”; e advérbio “a palavra invariável que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio” (cf. Cegalla, 1989; Sacconi, 1989; Faraco e Moura, 1996, entre outros).

Em nossos dados, várias foram as ocorrências encontradas que evidenciam as palavras *bom* e *bem* com suas respectivas funções de adjetivo e advérbio. Vejamos os exemplos de (1) a (6):

- (1) F⁹: Às vezes na primeira remessa eles fazem, tinha uns sessenta por cento em condições, né? Mas você vê, aqui o pessoal é ***bom***. (PB 09 L.639)¹⁰

⁶ Algumas dessas palavras já foram analisadas e outras estão sendo:

DAL MAGO, Diane. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado].

GASPARINI, Madelaine. *Assim se fala, assim se escreve*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado].

ROST, Cláudia. *Olha e Veja: multifuncionalidade e variação*. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado].

TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de aí, daí, então, e e como conectores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1999. [Dissertação de Mestrado].

VALLE, Carla Regina. *Sabe? – Não Tem? – Entende?: itens de origem verbal em variação como requisito de apoio discursivo*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado].

⁷ Por exemplo: *bom* adjetivo; *bem* advérbio ou substantivo; *olha* verbo, etc.

⁸ No *corpus* do Projeto VARSUL são poucas as ocorrências da palavra *bem* atuando como um substantivo e quando aparece está no plural, ou seja, ***bens***.

⁹ F indica informante e E indica entrevistador.

(2) F: Não, tem que dar certo, né? E o Fernando Henrique tem que fazer um *bom* governo e o Lerner também um *bom* governo no estado... (PB 20 L.)

(3) F: Aí quando eu tive uma professora excelente de matemática eu passei a gostar de matemática e eu gostava muito de ciências, o professor era muito *bom*, de ciências... (IR 05 L. 0188)

(4) F: Falam. O único que não fala *bem* (alemão), mas entende tudo é [o]- o mais novo. (BLU 01 L. 1014)

(5) F: É, as famílias aqui são *bem* antigas mesmo. (CTB 01 L. 0199)

(6) F: [3 Não, eu não-3] Eu acho que não é *bem* assim, eu acho que tanto faz você estar aqui... (CTB 01 L. 1069)

Em (1), (2) e (3) *bom* modifica um substantivo, propriedade que o caracteriza como um adjetivo. Nessas ocorrências, *bom* está conservando a função tradicional, isto é, de palavra que acompanha o substantivo ou a ele se refere, determinando-o ou qualificando-o.

Nos exemplos (4), (5) e (6) *bem* aparece com a função tradicional de advérbio. Em (4) *bem* modifica um verbo acrescentando-lhe uma circunstância de modo¹¹. Em (5) *bem* intensifica o sentido do adjetivo e em (6) do advérbio.

A partir desses exemplos, podemos verificar que os falantes, em algumas situações discursivas, conservam o uso das palavras *bom* e *bem* como adjetivo de qualificação positiva e como advérbio de modo e intensidade respectivamente. Esse uso é mantido, tanto na fala como na escrita.

¹⁰ Os exemplos foram retirados do *corpus* do Projeto VARSUL e são codificados da seguinte forma: as primeiras letras se referem às cidades (CTB: Curitiba; LD: Londrina; IR: Irati; PB: Pato Branco; FLP: Florianópolis; BLU: Blumenau; CHP: Chapecó; LJ: Lajes; SB: São Borja; POA: Porto Alegre; PN: Panambi e FC: Flores da Cunha), em seguida, os números que seguem são respectivamente, o da entrevista e o da linha onde se encontra um dos itens pesquisados.

¹¹ O advérbio de modo geral pode modificar um verbo, acrescentando a ele uma circunstância de modo, de tempo, de intensidade, de afirmação, de dúvida, de negação, conforme as normas gramaticais.

2.1 *Bom* e *Bem*, fugindo às normas...

No discurso o pesquisador defronta-se com inúmeros exemplos em que as características tradicionalmente atribuídas dificilmente podem ser mantidas, às palavras¹², pois é impossível associar de maneira constante as palavras certas propriedades que se confirmam apenas para algumas de suas ocorrências.

Conforme mencionamos na primeira seção deste capítulo, as palavras *bom* e *bem*, em nossa amostra, apresentaram outras funções discursivas, além de adjetivo (*bom*) e advérbio (*bem*). Verificamos que as palavras tendem a adquirir usos mais abstratos e liberdade sintática, auxiliando na interação e na organização do discurso. No entanto, estas palavras conservam suas respectivas formas únicas e invariáveis: *bom* e *bem*.

Observemos alguns exemplos que evidenciam a diversidade de contextos em que *bom* e *bem* estão atuando no discurso, revelando que o uso dessas palavras vai muito além do que a caracterização tradicional apresenta:

(7) E: Você já conheceu [outros]- outro estado?

F: **Bom**, estado mesmo, eu conheço são poucos, Paraná mais, que é uma parte só ali, por causa do filho mora lá então a gente (est) visita aquilo pra lá sempre, né? (BLU 08 L. 0835)

(8) E: Ciência política?

F: Ciência política. Compreendeu como é? E ele tira agora aqui em Santa Maria, e vai no ele me disse [pro] pro eu não sei que estado é que ele Vai ir, tu compreendeu como é? Ele tem e seis anos...Eu acredito que poderia ter mais umas coisas que melhor agradassem, mas a gente meio se enrola um pouquinho, sabe? E estudantes a vontade.

E: Mas é isso que nós queremos, [Seu Felipe]

F: [É,] mas a gente olha o nosso São Borja **Bom**, volta de novo a política. (SB 16 L. 0560)

(9) E: Como é que tu aprendeu?

F: **Bem**, eu fiz cursinho, mas eu tenho convívio com pessoas que falam a língua, né? O meu ex patrão, né? (SB 09 L. 02)

(10) E: E quando a senhora veio pra cidade, quantos anos a senhora tinha?

F: Aí eu já era casada, já era mãe dos quatro filhos, que a gente já veio para cidade por causa do motivo do estudo dos filhos, que eu casei, fui morar (“na vila de Garrucho”), morei treze anos lá. **Bem**, aí, lá só temo o curso primário até [a Quinta <fe>] a quinta série. (SB 17 L. 031)

Nos exemplos (7), (8), (9) e (10) as formas *bom* e *bem* introduzem contextos que marcam um vínculo entre o falante e seu texto. O falante utiliza as palavras na abertura dos

¹² Palavra usada aqui no sentido de som articulado com significação.

turnos ou dos tópicos para organizar ou dar seqüência à informação e/ou interação. Nestes casos, as palavras estão mais voltados para a informação que está sendo dada, “o que define seu compromisso básico com a “estrutura ideacional” do discurso (Halliday, 1976), sem prejuízo de sua participação na conformação do quadro interlocutivo que envolve os participantes”(Risso, 1999:271).

Autoras como Macedo & Silva (1996:39)¹³ e Risso (*op cit.*:260)¹⁴ atribuem as palavras *bom*, *bem*, *olha* e *ah* a propriedade comum de *iniciarem turnos de resposta*. Em nossa pesquisa, além das palavras estarem fortemente marcados com essa propriedade, acrescentamos a elas especificamente, a propriedade *de chamada de atenção para a informação*. Voltemos aos exemplos (7), (8), (10) e (9):

Em (7) *bom* está sendo usado pelo falante com o sentido de neutralizar uma resposta direta sim/não. O entrevistador ao perguntar: “Você já conheceu outro estado?” espera do informante uma resposta “sim” ou “não”, no entanto, este utiliza-se da palavra *bom* para desencadear uma resposta mais expandida, relacionada a explicações sobre a informação.

Os exemplos (8) e (10) evidenciam que *bom* e *bem* se manifestam em outras instâncias de organização do texto, “indicando movimento de abertura de aspectos variados¹⁵ na estruturação tópica” (Risso, *op cit.*:279). O falante usa *bom* em (8) com a intenção de chamar a atenção para um tópico que havia sido suspenso. Já em (10) *bem* sinaliza a seqüência da evolução da informação que vai sendo tecida.

No exemplo (9) *bem* dá início a uma resposta esperada pelo entrevistador, visto que o informante responde diretamente ao que lhe foi questionado.

Portanto, a partir desses exemplos, percebemos o uso das palavras *bom* e *bem* em contextos que não correspondem à função de adjetivo (*bom*) e advérbio (*bem*), ocorrendo um desbotamento semântico com ganho pragmático-discursivo e mudança de função. As palavras de adjetivo e advérbio, respectivamente, passam em alguns contextos a MDs.

¹³ Macedo & Silva (1996) investigaram um *corpus* de 64 entrevistas da “Amostra Censo” cujos os falantes são estratificados por sexo, idade e graus de escolaridade.

¹⁴ Risso (1999) utilizou dados dos inquéritos do Projeto NURC.

¹⁵ As palavras ocorrem também em abertura de tópicos, coincidentes ou não com início de turnos; abertura de segmentos intratópicos, delimitando a introdução de pequenos passos na evolução da informação, dentro de um mesmo ponto global de centração tópica (cf. Risso, *op cit.*:262).

3. Marcadores Discursivos

Marcuschi (1986:62) propõe que os elementos verbais que atuam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência. Este mesmo autor (1989:290), conforme outros autores¹⁶, ressalta que elementos de todas as classes gramaticais e formas sintáticas podem funcionar como MDs. Assim, não é a classe gramatical que indica se o elemento lingüístico é um MD, mas a função desempenhada por ele na interação.

Macedo & Silva (1996:14) consideram que os MDs estão envolvidos em macrofunções discursivas, uma vez que eles organizam o discurso internamente e mantêm a interação dialógica e o processamento da fala na memória. As autoras encontram dificuldades em definir quais elementos são MDs, pois se tudo que está no discurso pode ser chamado de marcador, dado que sempre marca, organiza e sinaliza alguma informação, seria marcador discursivo “qualquer partícula ou expressão que ajuda a arrumar o que se quer dizer” (*op cit.*:13). A partir disso, elas propõem várias funções para os MDs, uma para cada grupo de marcador, levando em conta, também, o sentido e a posição deles no discurso.

¹⁶ Conforme GÜLICH, E. *Makrosyntax der Gliederungssignale im gesprochenen Französisch*. München, W. Fink, 1970.

WACKERNAGEL – JOLLES, B. “Nee, also, Mensch, weip du...” zur Funktion der Gliederungssignale in der gesprochenen Sprache. In: WACKERNAGEL – JOLLES B., Hrsg, *Aspekte der gesprochenen Sprache. Deskriptions – und Quantifizierungsprobleme*. Göppingen, 1973.

MEYER – HERMANN, R. Formen und Funktionen von “Abschwächung” im gesprochenen Portugiesisch. In: SCHMIDT – RADFELDT, J. Hrsg, *Potuguiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen, Günter Nair, 1983.

ROULET, E., A. AUCLIN, J. MOESCHLER, C. RUBATTEL e M. SCHELLING. *L’articulation du discours em François contemporain*. Berne, Peter Lange, 1985.

GRUPO	FUNÇÃO	EXEMPLOS DOS ITENS
Iniciadores	iniciam turnos	ah, bom, bem, olha
Requisitos de apoio discursivo	usados para se certificar da atenção do interlocutor	né?, ta?, sabe?, entendeu?, viu?
Redutores	evitam uma postura assertiva ou autoritária do locutor	eu acho, pó, sei lá
Esclarecedores	tentam resumir ou retomar com mais clareza parte do discurso	quer dizer, isto é, deixa eu ver
Preenchedores de pausa	evitam o silêncio enquanto um novo trecho de fala está sendo preparado	assim, bem, hãa, é
Seqüenciadores	marcam seqüência no discurso	aí, então, depois
Resumidores	encerram uma lista de itens e resumem o que se considera ser de conhecimento	essas coisas, e tal, coisa e tal, e tudo, papapá
Argumentadores	iniciam argumentação	agora, não, não mas, é mas
Finalizadores	Dão um fecho ao turno do falante	então ta, é isso aí, tudo bem

Quadro1: Divisão dos MDs em grupos (cf.: Macedo & Silva, 1996:11-2)

Castilho(1998:47) denomina os MDs como elementos que “verbalizam o monitoramento da fala, sendo freqüentemente vazios de conteúdo semântico, portanto, irrelevantes para o processamento do assunto, porém altamente relevantes para manter a interação”.

Por fim, os MDs fazem com que as informações a respeito do processamento cognitivo sejam explicitadas, marcando na fala as pós-reflexões, reformulações, enfim, a reorganização do que os falantes disseram (cf. Martelotta *et al.* (1996) e Martelotta (1998)).

3.1 Potencial Funcional dos MDs

Marcuschi (1998:61) atribui duas grandes funções específicas aos MDs: conversacional e sintática¹⁷. A função conversacional leva em conta sinais do falante e do ouvinte; a função sintática está relacionada à sintaxe de interação e ao encadeamento das estruturas lingüísticas. Assim, de acordo com Marcuschi (1989:282), “os marcadores discursivos operam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força interlocutória, sendo, pois, multifuncionais”. Além disso, conforme este autor, os MDs podem vir em várias posições dentro do turno ou na sequência dos turnos. Para Castilho (1989:263), todos os MDs organizam o texto. Porém, ele reconhece dois tipos funcionais de MDs: os interpessoais, cuja função é de administrar os turnos conversacionais e manter a interação falante/ouvinte; e os ideacionais, que orientam na organização do texto e marcam a relação texto/falante¹⁸.

Basicamente, a multifuncionalidade dos MDs está associada a funções gerais de natureza distinta: interpessoal ou interativa e textual, conforme Marcuschi e Castilho (*op cit.*)

Em seus estudos de base textual-interativa, Urbano (1999) e Risso (1999) dizem que dificilmente uma forma desempenha uma única função, assim, nem sempre é possível distinguir os MDs que desempenham a função textual daqueles que têm a função interacional.

Em termos específicos, Martelotta, Votre e Cezario (1996) e Martellota (1998) afirmam que os MDs apresentam como função principal a reorganização da linearidade discursiva das informações trocadas pelos falantes. Conforme esses autores, os MDs assumem diversas funções que estão relacionadas à reformulação da fala. Vejamos:

- a) a marcação de hesitações ou reformulações;
- b) modalização do discurso, marcando insegurança ou não comprometimento do falante em relação ao que fala;

¹⁷ Na função conversacional os MDs são conhecidos como marcadores pragmáticos, também como fáticos e como “interpessoais”, segundo Castilho (1989), e na função sintática os MDs são chamados de marcadores textuais e “ideacionais”, conforme Castilho (*op cit.*)

¹⁸ Ao reconhecer esses dois tipos de MDs, Castilho faz uso da terminologia de Halliday (1976) para nomeá-los.

- c) a mudança na direção comunicativa, podendo manifestar uma concessão em relação ao que foi dito;
- d) a criação de espaços vazios (reticências);
- e) a retomada de um dado anterior para fazê-lo de tópico do que será dito em seguida;
- f) a introdução de informação de fundo;
- g) o preenchimento de vazios causados por pausas que ocorrem para calcular informações vindas posteriormente.

Enfim, podemos dizer que os MDs são multifuncionais, desempenhando simultaneamente o papel de organizadores interacionais e organizadores textuais.

3.2 *Bom e Bem* no grupo dos MDs

Na intenção de reagrupar os elementos que aparecem no discurso fora de sua classe tradicional, no grupo dos MDs, Marcuschi (*op cit.*:290) classifica-os em quatro grupos: (1) simples; (2) compostos; (3) oracionais e (4) prosódicos. *Bom* e *bem* se enquadram no grupo dos MDs simples, por serem realizados com um só lexema.

Macedo & Silva (1996) dão uma contribuição aos estudos dos marcadores, propondo uma divisão para as várias funções dos MDs, conforme apresentamos na terceira seção, levando em conta o sentido e a posição que tais elementos ocupam no discurso. Diante desta divisão, as palavras em estudo foram caracterizados como iniciadores de turno e a palavra *bem* também recebeu a função de preenchedor de pausa¹⁹.

O estudo denominado *Marcadores Discursivos: traços definidores* realizado por Risso *et al.* (1996)²⁰ tinha como objetivo o estabelecimento de traços identificadores do estatuto dos MDs, capazes de conduzir a uma definição mais precisa destes elementos. Para isso os elementos considerados MDs foram analisados em relação a dezesseis variáveis,

¹⁹ No capítulo V veremos que esses itens assumem outras funções apresentadas pelas autoras, dependendo do contexto em que estão inseridos.

²⁰ Risso et al. (1996) analisaram dados extraídos dos inquéritos do Projeto NURC.

cada qual, com traços específicos²¹. A partir dos traços propostos pelos autores, podemos enquadrar *bom* e *bem* no conjunto de marcadores prototípicos²² ou bastante próximos do grupo que assume traços-padrão identificadores de prototipicidade da classe.

De acordo com Urbano (1999:200-01), podemos dizer que *bom* e *bem* são utilizados em posição inicial de turno e intraturno, quando produzidos pelo ouvinte que se torna falante, ao tomar o turno, em resposta, ou comentário a perguntas ou a comentário do falante anterior e, em início de fala citada, quando o falante cita a fala de interlocutor fora da conversação ou sua própria fala para reproduzir algo que já tenha dito em outros momentos.

Risso (1999) também ressalta, em seu estudo específico sobre os MDs *bom*, *bem*, *olha* e *ah*, que a posição ocupada por estes MDs, ao mobilizarem diferentes instâncias de abertura no plano da informação, define-se como inicial ou intermediária²³. Segundo a autora (*op cit.*:260), estes itens destacam-se em relação aos demais por apresentarem em comum “a propriedade reiterante de iniciarem turnos de resposta, em estruturas de pares adjacentes²⁴” e por serem “veículos de uma seqüencialização dependente do contrato de interlocução que propiciam”.

Em síntese, os estudos feitos na sua maioria caracterizam as palavras *bom* e *bem* como MDs iniciadores. Esta constatação permite, pois, assegurar a função de abertura atribuída a eles (cf. Risso, *op cit.*). Entretanto, como já mencionamos, esses MDs

²¹ Apresentamos as variáveis, cada qual com seus respectivos traços: Variável 1- padrão de recorrência (traços: baixa frequência, média frequência, alta frequência); Variável 2 – articulação de segmentos do discurso (traços: seqüenciador tópico, seqüenciador frasal, não-seqüenciador); Variável 3 – orientação da interação (traços: secundariamente orientador, basicamente orientador, fragilmente orientador); Variável 4 - relação com o conteúdo proposicional (traços: exterior ao conteúdo, não-exterior ao conteúdo, não se aplica); Variável 5 – transparência semântica (traços: totalmente transparente, parcialmente transparente, opaco, não se aplica); Variável 6 – apresentação formal (traços: forma única, forma variante); Variável 7 – relação sintática com a estrutura oracional (traços: sintaticamente independente, sintaticamente dependente); Variável 8 – demarcação prosódica (traços: com pauta demarcativa, sem pauta demarcativa); Variável 9 – autonomia comunicativa (traços: comunicativamente autônomo, comunicativamente não autônomo); Variável 10 – massa fônica (traços: até três sílabas tônicas, além de três sílabas tônicas); Variável 11 – tipo de ocorrência (traços: contíguos combinados, contíguos não combinados, contíguos repetidos, não contíguos); Variável 12 – base gramatical (traços: substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, conjunção, pronome, interjeição, preposição, formação mista, não se aplica); Variável 13 – sexo (traços: masculino, feminino); Variável 14 – local do inquérito (traços: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre); Variável 15 – tipo de inquérito (traços: DID, D2, EF); Variável 16 – Posição (traços: inicial, medial, final).

²² Marcadores prototípicos são aqueles elementos fortemente seqüenciadores e fortemente interativos (cf. Castilho, 1999:298)

²³ Posição intermediária equivale a dizer intratópica ou intraturno.

²⁴ As estruturas de pares adjacentes são dois turnos emparelhados. Os pares mais habituais são “saudação/saudação”, “pergunta/resposta” e etc (cf. Castilho :44).

manifestam-se com diversas funções de cunho pragmático-discursivo nas instâncias de organização do texto falado.

Em estruturas de pares adjacentes *bom* e *bem* atuam simultaneamente na organização do texto, com implicações sequenciais e interacionais²⁵. Vejamos os exemplos:

(11) E: *E, voltando à malária, quais são os sintomas da malária, além dessa fraqueza que a pessoa tem pela falta de apetite, quais são os outros sintomas?

F: **Bem**, tem sintomas diferentes de uma pessoa pra outra. Eu no meu caso foi falta de apetite, né? E febre, dor de cabeça, dá uma febre muito alta. (POA 04 L. 0297)

(12) E: Quatro? O que que faz cada um deles? Onde que está hoje?

E **Bom**, vou começar pelo mais velho. O mais velho é formado engenheiro florestal. Formou-se com vinte dois anos na Federal. (PB 11 L. 0546)

Nos exemplos (11) e (12) percebemos a “simultaneidade de campos de atuação” que confere as palavras *bom* e *bem* o caráter multifuncional destacado por Marcuschi (1989) para os MDs de modo geral. No ato comunicativo percebemos no envolvimento mútuo dos interlocutores a implicação interacional. As implicações sequenciais, em (11), observamos quando *bem* introduz um contexto em que o locutor desenvolve um tópico que estava pendente e em (12) quando *bom* marca uma negociação de informações.

Porém, em outras instâncias de abertura, há momentos em que *bom* e *bem* atuam no nível mais textual, exercendo funções relacionais, e outros em que exercem funções mais voltadas para o nível extra-textual.

(13) E: *E nessas escolinhas geralmente tem uniforme também, [4 né? Que gasta. 4]

F: *[4 Pois é 4], pois é tem uniforme [5 tudo o que eles pedem 4] e lá não, é bem é pra pobre mesmo, sabe? (est) * Daí eu falei pro meu marido, porque eu, ela adora, sabe? Vive enchendo que quer ir. (est) *Eu disse pra ele: * “Então vamos colocar pra ver o que que vai acontecer, se ela vai gostar mesmo, ou qual vai ser a reação dela depois.” (est) *Ele, daí ele disse assim: * “Então você que sabe. “Só que ele não queria, ele dizia que ela era muito nova pra ir, né? (est) *Mas eu falei: “ **Bom**, mas ela é muito nervosa, então assim ela vai, quem sabe ela vai se acalmando, vai se enturmando mais, vai fazendo amizade, né? (IR 06 L. 1385)

(14) E: E a senhora poderia (hes) contar- a senhora é casada, tem filhos- pode começar a contar à vontade.

F: Sim. **Bem**, eu sou casada com Vitorino Zoletto e nós temos quatro filhos homens, (est) ta? (CHP 16 L. 015)

²⁵ MDs com implicações sequenciais atuam na articulação de dois turnos como sinalizadores do desenvolvimento iminente, no segundo turno, do ponto relevante antecipado no primeiro, constituindo-se, no conjunto, uma parcela de construção coesa e coerente e, com implicações interacionais, marcam a interação entre os locutores (cf. Risso, op cit.:272).

Em (13) *bom* atua na negociação de idéias, aparecendo num contexto em que o falante não tem certeza do que está dizendo, marcando diferentes intenções do falante para com o texto e o ouvinte (nível extra-textual). Já no exemplo (14) *bem* funciona na articulação do texto, introduzindo o tópico com explicações integradas à pergunta feita. Neste caso, o item *bem* apresenta um envolvimento maior do falante com o seu texto (nível textual).

Empregos como dos exemplos (7), (8), (9), (10), (11), (12), (13) e (14) inscrevem as palavras *bom* e *bem* entre os MDs.

4. Definindo especificamente o objeto de análise

De acordo com o que apresentamos nas seções anteriores, as palavras *bom* e *bem* vêm adquirindo outras funções discursivas que apresentam em comum não só a propriedade *de iniciadores de turnos de respostas*, mas também a propriedade *de chamada de atenção para a informação*. As alterações semântico-pragmáticas que as palavras vêm adquirindo em diferentes contextos estão relacionadas à mudança de adjetivo para MD e de advérbio para MD, que envolve os processos de gramaticalização e discursivização. Estes serão abordados no capítulo seguinte.

Nesta dissertação, portanto, são objeto de análise todas as ocorrências encontradas no *corpus* em que as palavras *bom* e *bem* estão assumindo o papel de MDs e desempenhando inúmeras funções pragmático-discursivas.

Primeiramente, *bom* e *bem* receberam um tratamento de cunho qualitativo, cuja intenção foi analisar todos os contextos de ocorrência para cada uma das formas. Visto que as palavras em alguns contextos compartilham características e funções discursivas, consideramo-las como palavras em variação. Depois, as palavras foram submetidas a uma análise quantitativa.²⁶

²⁶ O capítulo IV apresentará mais detalhes dos passos seguidos para a análise dos itens.

Capítulo II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos as duas correntes teóricas em que nossa pesquisa se insere: a primeira, do Funcionalismo Lingüístico, na linha de Givón (1993), Heine *et al.* (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993) e Vicent *et al.* (1993), entre outros; a segunda, da Teoria Variacionista, conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1978, 1994).

Na seção destinada ao Funcionalismo Lingüístico, consideramos a concepção de língua, de gramática, das funções da linguagem e a questão da mudança via gramaticalização e discursivização.

Na seção seguinte, dedicada à Teoria da Variação Lingüística, abordamos a variação e a mudança condicionadas por fatores lingüísticos e sociais, bem como a noção de variável e de variantes lingüísticas.

Na última seção, tentamos mostrar a relação entre a gramaticalização e a variação.

1. O Funcionalismo Lingüístico

Na visão funcionalista é necessário entender e explicar a gramática da língua como um conjunto de estratégias que considera o usuário inserido no contexto comunicativo, levando em conta o uso real da língua para se produzir uma comunicação coerente (cf. Givón, 1993).

Gebruers (1987: 129)²⁷, *apud* Moura Neves (2001:03), “caracteriza a concepção de linguagem da gramática funcional como *funcional* e *dinâmica*”. Ela é funcional porque é preocupada com a funcionalidade do sistema lingüístico dentro da situação de comunicação, e é dinâmica porque reconhece que a relação entre estrutura e função pode ser mudada segundo as pressões de uso da língua.

²⁷ GEBRUERS, R. S.C. Dik's Functional Grammar: A Pilgrimage to Prague? In: DIRVEN, R. & FRIED, V. (eds). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987.

Conforme Givón (*op cit.*), a função básica da linguagem envolve três domínios funcionais: do significado lexical, da informação proposicional e da coerência textual. A gramática é o instrumento usado para a codificação lingüística. Ela codifica a informação proposicional em oração e a coerência textual da oração em seu contexto discursivo, abrangendo não só as construções sentenciais, mas também o discurso multiproposicional.

A partir dessas considerações funcionalistas, percebe-se que a gramática da língua não é um conjunto de regras fixas, pois se molda a partir do discurso e vai se adaptando ao uso. As estruturas assumem as formas que têm para satisfazer as necessidades humanas de interação. Suas propriedades são adequadas às determinações pragmáticas de interação verbal. Por isso, os processos que interessam são os que têm algum efeito na comunicação. As explicações e regularidades devem ser procuradas não na sintaxe, mas no discurso.

Sendo assim, gramática e discurso estão ligados, visto que: a) é no discurso e sob a influência de seu contexto que a gramática vai emergindo, sob atuação de princípios icônicos que subjazem às necessidades humanas de comunicação; b) no discurso a gramática se altera em decorrência de ajustes para novas funções ou de expansões de significados; c) a gramática também estabelece padrões para a construção do discurso, padrões esses regularizados por pressão de uso (cf. Givón, 1995; entre outros).

É dentro desta perspectiva funcionalista de gramática que desenvolvemos a análise das palavras *bom* e *bem*.

1.1 O Termo *Função* na Lingüística

O termo *função* apresenta sentidos diferentes, conforme a área em uso. Na lingüística usa-se função no sentido de relação. Em Moura Neves (2001:06-08), encontramos o termo função sendo exposto a partir de vários autores. Dillinger (1991)²⁸ ao citar Garvin (1978) ressalta que o termo função pode designar relações entre: a) uma forma e outra; b) uma forma e seu significado; c) o sistema de formas e seu contexto. Com as respectivas funções: função interna; função semântica e função externa.

²⁸ DILLINGER, M. Forma e função na lingüística. D.E.L.T.A., v. 7, n. 1, 1991, pp. 395-407.

Nichols (1984)²⁹ distingue cinco sentidos do termo função, relacionados com cinco diferentes componentes da gramática, que são: função/interdependência, função/propósito, função/contexto, função/relação e função/significado.

Para Halliday (1973a)³⁰, a noção de função está ligada ao papel que a linguagem desempenha na vida das pessoas, atuando em determinados tipos universais de demanda, que são muitos e variados.

1.2 As Funções da Linguagem

Givón (1993) assinala que comunicação ou representação da experiência é a função básica da linguagem, e apresenta outras funções meta-comunicativas: a função de coesão sócio-cultural, a função afetiva e a função estética.

Nos estudos referentes à língua e linguagem, a proposta de Halliday (1973a) é uma das mais aceitas para a caracterização das funções da linguagem. Em primeiro lugar, Halliday observa que a linguagem serve para expressar conteúdos, isto é, tem uma função ideacional que possibilita ao falante negociar o tema que será abordado, organizando o que ele pretende dizer. Em segundo lugar, a linguagem serve para administrar turnos conversacionais e manter interação falante-ouvinte, trata-se da função interpessoal. E uma terceira função que serve de instrumento para as outras duas, a função textual que está relacionada à criação do texto.

Thompson (1996), assim como Halliday, ressalta que cada uma das funções da linguagem, experiencial³¹, interpessoal e textual, contribui para o significado de uma mensagem proferida e cada função é tipicamente expressa por diferentes aspectos da palavra inserida em seu contexto.

Na visão desses autores, as funções da linguagem se manifestam simultaneamente, sendo veiculadas por qualquer elemento lingüístico. Portanto, dependendo do contexto, uma das funções é mais destacada que as outras. A partir do

²⁹ NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Antropology*, v. 43, 1984, pp. 97-117.

³⁰ Nesta pesquisa, o termo função é utilizado conforme Halliday (1973a).

³¹ Também chamada de ideacional ou proposicional.

momento em que ocorre uma mudança de contexto, pode ocorrer uma mudança na relação entre as funções, e outra das funções assume o lugar de destaque na mensagem.

1.3 A Mudança Lingüística

A partir da visão dinâmica da gramática pressupõe-se que as línguas estão em constante mudança decorrente de pressões de uso. Alguns estudos têm procurado estabelecer características dos tipos de mudança e os mecanismos que atuam para que ela ocorra. Na linha funcionalista, têm-se dois processos distintos de mudança: gramaticalização e discursivização. Estes ocorrem em níveis diferentes e têm relação com a natureza funcional dos elementos em mudança. Pretendemos, então, situar os itens *bom* e *bem* em um ou nos dois processos de mudança lingüística.

1.4 Mudança Lingüística: Gramaticalização e Discursivização

1.4.1 Gramaticalização

Meillet (1965 [1912]), considerado o sistematizador e criador do termo gramaticalização, afirma que esta é um tipo de *continuum*, isto é, há uma transição de itens lexicais para preencher funções gramaticais. Esta afirmação consegue abarcar um aspecto que toda teoria da gramaticalização atual leva em consideração. Por exemplo, Hopper e Traugott (1993:15) definem gramaticalização como "o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais".

De acordo com Heine *et al.* (1991), a motivação para esse processo se dá tanto porque as necessidades de comunicação não são satisfeitas pelas formas já existentes quanto devido à existência de conteúdos cognitivos para os quais não se encontra um termo

lingüístico adequado. Nesse processo, formas mais velhas podem coexistir com as novas, causando a variação no uso de uma ou outra forma que são funcionalmente equivalentes. Assim, quanto mais se completa o processo de gramaticalização de uma unidade, mais ela vai perdendo em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, mas passa a ganhar outros traços no campo semântico e/ou pragmático.

Propondo não o enfraquecimento, mas o fortalecimento pragmático, Traugott e Köning (1991), Hopper e Traugott (1993) (*apud* Traugott (1995:03)) dizem que os traços semânticos são os primeiros observados no processo da gramaticalização, uma vez que os significados tendem a mudar para uma subjetividade maior, isto é, aumenta a ligação da atitude do falante com a atitude textual em direção à fluência do discurso.

Para poder identificar melhor os diferentes estágios que antecedem a mudança lingüística em geral, Hopper (1991:22) sugere cinco princípios, os quais, segundo o autor, não se aplicam a gramaticalização, uma vez que são especificamente aplicáveis também a outros processos de mudança, mas podem contribuir para a caracterização da gramaticalização. São eles:

- **Estratificação:** em um domínio funcional amplo, novas camadas estão constantemente emergindo. À medida que isso acontece, as camadas mais velhas podem coexistir e interagir com as novas camadas que emergem.
- **Divergência:** quando uma unidade lexical se gramaticaliza como um clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e passar a sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns.
- **Especialização:** em um domínio funcional, várias formas podem ter nuances semânticas diferentes. Conforme ocorre a gramaticalização, essa variedade de escolhas formais diminui e um número menor de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais.

- **Persistência:** quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, alguns traços de seu significado lexical original tendem a aderir a ela e detalhes de sua história lexical podem se refletir sob a forma de restrições sobre sua distribuição gramatical.

- **Decategorização:** formas que estão se gramaticalizando tendem a perder ou neutralizar suas marcas morfológicas e características sintáticas das categorias plenas, nome e verbo, e a assumir características de categorias sintáticas secundárias como adjetivos, particípios e preposições.

Martelotta (1998) admite não ser fácil traçar uma fronteira entre a gramaticalização e discursivização, mas julga importante a separação desses dois processos de mudança. Segundo este autor, a gramaticalização leva o item lexical a funcionar como operador argumentativo desempenhando funções referentes à organização interna do texto e a discursivização leva o item a assumir função de MD. Já Traugott (1995), em estudo referente a alguns MDs oriundos de advérbios, não vê a necessidade de se postular outros tipos de mudança distintos para os MDs, e relaciona o uso desses elementos com o processo de gramaticalização, justificando sua posição com dois argumentos:

- a) devem-se considerar como característica relevante para o processo de gramaticalização a decategorização, a redução fonológica, o aumento da função pragmática e a subjetivação;
- b) deve-se considerar a pragmática fazendo parte da gramática e não apenas elementos fonológicos, morfossintáticos e semânticos.

1.4.2 Discursivização

Segundo Martelotta *et al.* (1996), a discursivização é o processo de mudança que leva os itens lingüísticos a adquirir funções de MDs, perdendo alguns valores sintáticos e semânticos e a sua ordenação vocabular, adquirindo valores pragmático-discursivo. Este processo, segundo os autores, deve ser visto como distinto da gramaticalização; surge para

suprir a necessidade que o falante tem de marcar estratégias interativas, modalizando ou reorganizando a produção da fala e ao mesmo tempo deixar seu ouvinte ciente de suas atitudes no momento da interação.

Vincent *et al.* (1993) ressaltam que quanto mais uma unidade avança no processo de pós-gramaticalização,³² mais ela:

- a) perde sua complexidade semântica e ganha em significação pragmática;
- b) perde em significação sintática, tendendo a desenvolver um uso operacional e diversificando suas posições na frase;
- c) se distingue das outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase.

Para estes autores (*op cit.*:75), os elementos que se gramaticalizam e, em seguida, tornam-se marcadores de interação, são bons candidatos para a pós-gramaticalização, uma vez que assinalam manutenção de turno ou outras funções. Em alguns contextos, isso parece estar acontecendo com as palavras *bom* e *bem*, eles aparecem desempenhando variadas funções que serão analisadas no decorrer do trabalho. Vincent *et al.* ressaltam, ainda, que tanto no processo de gramaticalização quanto no processo de pós-gramaticalização, os significados passam de funções mais concretas e dêiticas para funções mais abstratas e relacionais. Apesar dos processos refletirem o sentido concreto-abstrato, os mecanismos que levam à mudança e as características adquiridas, à medida que cada um dos processos avança, são diferentes.

De acordo com Martelotta (1998), a discursivização e a gramaticalização apresentam uma tendência de partirem de expressões formadas de elementos lexicais que perderam seu valor referencial original para desempenhar funções pragmático-discursivas. Estas outras funções são desempenhadas por determinados tipos de palavras, em contextos discursivos específicos. Sendo assim, a cada novo uso há uma tendência para o aumento de função pragmática. Portanto, se considerarmos os usos dos MDs como provenientes de gramaticalização, temos que admitir que se trata de um tipo diferente de gramaticalização. Ainda, segundo Martelotta (*op cit.*), a gramaticalização gera operadores argumentativos, elementos mais voltados para a organização textual, que apresentam regularidade em seus

³² Martelotta et al. (1996) chamam de “discursivização” a este processo que Vincent *et al.* denominam de “pós-gramaticalização”.

usos e que na maioria dos casos se identificam com advérbios que vão assumindo novas funções gramaticais. As outras funções desempenhadas pelos operadores argumentativos são: identificar partes do discurso já mencionadas (anafóricos) ou por mencionar (catafóricos) ou ligar partes do discurso, atribuindo-lhes uma relação argumentativa (conjunções). Podem indicar estratégias interativas, apresentando menor grau de pragmaticidade e de subjetividade, uma vez que sua tendência principal é voltar-se para a regularização do processo comunicativo. Já os MDs não apresentam uma regularidade tão sensível, tornando difícil a caracterização de suas funções e, sobretudo, sua inclusão em uma trajetória linear de mudança, basicamente por três motivos:

- a) os MDs apresentam funções relacionadas, por um lado, a estratégias voltadas para a viabilização da fala no contexto de improviso, e, por outro lado, à indicação dessas estratégias para o ouvinte. Portanto, suas funções são pragmático-discursivas, sendo mais subjetivas e mais difíceis de se caracterizarem estruturalmente. Sendo assim, com o processo de discursivização o elemento lingüístico tende a assumir a macrofunção de viabilizar o processamento da fala e a recepção do ouvinte;
- b) as subfunções podem se confundir entre si, de modo que uma mesma ocorrência de um MD pode desempenhar mais de uma das subfunções. Isso acontece devido ao fato de que as subfunções são, na realidade, manifestações de uma mesma macrofunção discursiva, ligada à viabilização da comunicação, em níveis lingüísticos diferentes;
- c) pode haver pressões metonímicas e analógicas, provenientes de várias direções, estimulando a mudança. Isso dificulta, sobretudo, a indicação de trajetórias de mudança lineares (cf. Martelotta, *op cit.*:66).

2. A Teoria Variacionista

De acordo com Labov (1972), a Teoria Variacionista focaliza a língua produzida por uma determinada comunidade de fala em situação natural de interação sujeita à variação e mudanças, que se adapta ao contexto e à situação em que o falante se encontra. O autor se refere à comunidade lingüística como sendo um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas comuns com relação à linguagem e não como um grupo que fala do mesmo modo.

A pesquisa na área da Teoria Variacionista tem por objeto de análise a variação dos sistemas lingüísticos, propriedade que se apresenta como inerente a todas as línguas, passível de ser descrita e analisada. O fenômeno da variação parece ser contínuo, isto é, não apresenta limites claramente demarcados, apenas aponta para tendências de formas que são condicionadas por fatores lingüísticos e sociais (cf. Mollica, 1992). Sendo assim, a variação de uma língua não se dá de forma aleatória, mas sistematicamente. Segundo Faraco (1991:116), “(...) atrás da heterogeneidade lingüística há organização: é possível correlacionar a ocorrência de uma ou de outra forma variante com diferentes grupos de falantes, partilhando, cada grupo, características sociais peculiares”. A variação poderá ocasionar mudanças no uso de uma determinada forma, mas não é necessário que ocorra mudança para que haja variação, pois “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade” (Weinreich, Labov e Herzog, 1968:188).

Para Weinreich, Labov e Herzog (*op cit.*), uma mudança lingüística começa quando um dos muitos traços característicos de uma da variação se espalha sobre um grupo específico da comunidade de fala, passando a assumir uma certa significação social, representando os valores sociais assumidos por esse grupo. No decorrer desse processo, outros grupos começam a fazer parte da comunidade lingüística e podem reinterpretar a mudança lingüística em processo.

No momento em que ocorre variação em uma língua surgem as variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala que, conforme Tarallo (2000:08), são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo

valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística”. A escolha da forma alternante sofre influências de fatores externos e internos à língua.

Para Labov (1978), a seleção das variantes de uma variável lingüística dá-se a partir da referência a um mesmo contexto e também a um mesmo valor de verdade. Na observação da variação e mudança lingüística subjacente a fenômenos variáveis, Labov (1994) aponta duas possibilidades: a) mudança em tempo real (aspecto diacrônico da língua) com dois métodos de investigação: um dos métodos mais simples e eficaz é analisar textos do passado que apresentam as variantes em estudo e compará-lo com textos mais recentes. O outro método mais complexo é investigar dados de fala atuais de uma comunidade e retornar a ela uns vinte anos mais tarde para realizar uma nova pesquisa com dados de outras épocas; b) mudança em tempo aparente (aspecto sincrônico da língua): estudo de uma determinada comunidade comparando a fala entre as diferentes gerações no mesmo período (jovens, adultos, idosos).

Labov (1966) inicia os estudos sobre variação lingüística no campo da fonologia. Uma das primeiras pesquisas do autor foi a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard³³, em que coletou seus dados em situação real de fala, observando a variação entre dois ou mais alofones para a representação do mesmo fonema. Neste estudo e os que se seguiram no campo fonológico, não houve problemas em provar que duas formas podem ser alternantes em um mesmo contexto, mantendo o mesmo significado.

Em 1977, Weiner e Labov resolvem ampliar os estudos variacionistas para níveis estruturalmente mais altos que o fonológico e fazem um estudo que toma como variável construções sintáticas. Ao contrário das primeiras pesquisas que envolviam variações fonológicas, os resultados obtidos nas variações de cunho sintático revelaram que a variação não recebe influências de fatores sociais, sendo a escolha de uma ou outra forma influenciada em sua maioria por fatores sintáticos.

A partir desses resultados, Lavandera (1978) constrói uma crítica à pesquisa de Labov. A autora aponta a impossibilidade de se estender a análise variacionista a outros níveis fora do campo da fonologia, por falta de uma teoria do significado bem formalizada. Visto que a variação pressupõe “duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”, seria

³³ Para maiores informações ver: Les motivations sociales d'un changement phonétique. 1972 In: Sociolinguistique. Edição original: Sociolinguistic Patterns, University of Pennsylvania Press, 1972.

inviável sua ocorrência fora da fonologia, pois variantes não fonológicas têm cada uma significado referencial distinto.

Assim, Lavandera propõe que se altere a condição de mesmo significado para todas as alternantes, substituindo-a por uma condição de igualdade funcional. A autora se dispõe a considerar alternantes sintáticas como variáveis sociolingüísticas sob duas condições: que elas carreguem alguma informação não-referencial, para ter significado social e estilístico; que elas sejam semelhantes às variáveis fonológicas com variação quantificacional e frequências significativas.

Labov (1978) responde à crítica de Lavandera definindo significado como *estado de coisas*, isto é, dois enunciados que se referem ao mesmo *estado de coisas* possuem o mesmo significado referencial. Nesse sentido, podemos dizer que duas variantes, mesmo apresentando nuances ou traços pragmáticos distintos, podem ter o mesmo significado representacional e poderão ser tratadas dentro da teoria variacionista como formas equivalentes. O autor ressalta que variáveis lingüísticas ou regras variáveis não são em si mesmas uma teoria da linguagem. São mecanismos heurísticos, ou seja, métodos de análise que auxiliam a teoria lingüística. A regra variável, conforme Labov, consiste em duas ou mais formas que representam o mesmo *estado de coisas*, atuando no mesmo contexto, e esclarece que o valor de verdade de uma sentença pode sim ser parâmetro para se avaliar este mesmo estado.

Segundo Labov, o valor dessas análises está em indicar processos gramaticais subjacentes e na possibilidade de prever fatores relativos à competência lingüística dos falantes.

A Teoria Variacionista é também chamada de Sociolingüística Quantitativa, pois trabalha com números e nos fornece um tratamento estatístico dos dados. Neste modelo teórico, o primeiro passo é reconhecer as bases para os procedimentos técnicos na análise da variação que começa com o isolamento e definição dos elementos que variam pelas mesmas dimensões em resposta a um mesmo estado de coisa. O importante é definir o envelope de escolhas lingüísticas com que se depara o falante, que responde a um dado estado de coisas. Deve-se fazer um estudo cuidadoso para isolar o contexto onde a variação relevante é encontrada e, gradualmente, isolar aqueles casos onde o mesmo item formal tem

uma função lingüística diferente e deixando de lado ambientes onde a variação é neutralizada ou onde a regra está categórica.

A partir dessas considerações acerca dos estudos variacionistas, inserimos nossa pesquisa dentro desse modelo teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista, com o interesse de verificarmos o uso variável das palavras *bom* e *bem* no discurso. Apesar do caráter subjetivo que parece estar presente na escolha de uma ou outra forma, submetemos os dados utilizados nesse estudo a um tratamento objetivo e sistemático, estabelecendo correlações estatísticas entre as variantes *bom* e *bem* que se alternam de acordo com os fatores correlacionados a cada variante.

2.1 O Fenômeno Discursivo sob a Ótica da Teoria Variacionista

São poucos os que se aventuram a estudar itens discursivos dentro da metodologia da teoria variacionista introduzida por Labov (1972), o problema pode estar nas noções pré-teóricas que estes elementos carregam, ou seja: *interação do falante, efeito sobre o ouvinte, estratégia, carga discursiva e contextos muitos extensos* (cf. Lavandera 1989, *apud* Castilho 1989:255).

Outro ponto que dificulta os estudos variacionistas para níveis fora da fonologia é a ocorrência de palavras como *bom* e *bem* num mesmo contexto, para que as palavras possam ser identificados como variantes de uma mesma variável e estabelecer uma igualdade funcional, que corresponderia ao mesmo significado. Neste caso, compreendemos o significado não só como o mesmo valor de verdade ou mesmo significado referencial, mas com o mesmo significado/função.

Esta pesquisa, portanto, constitui-se em mais um dos estudos que tentam revelar que a língua é maleável e apresenta muitas variabilidades, e que fenômenos de natureza discursiva podem ser considerados como variáveis.

3. A Gramaticalização e a Variação

Através do princípio da estratificação de Hopper (1991), podemos mostrar a forte relação entre a gramaticalização e a variação. Este princípio prevê a possibilidade de existência de duas ou mais formas alternantes que possuem o mesmo significado e função, o que caracteriza o fenômeno da variação lingüística.

Labov (1994) ressalta que a variação é o primeiro passo para a mudança lingüística. A alternância entre determinadas formas pode levar uma delas a predominar em relação à outra. E à medida que uma das formas suplanta a outra ou especializa-se em determinadas funções ocorrerá a mudança. De acordo com a visão variacionista, a mudança decorre da variação.

Segundo os teóricos da gramaticalização, esta se difere da teoria da variação por tratar do percurso de uma forma, que, no decorrer de sua evolução, adquire múltiplas funções, podendo tal forma competir com outra(s) pelo direito ao desempenho de uma função específica. Portanto, nesta visão, a variação decorre da mudança.

Podemos resumir os enfoques variacionistas e de gramaticalização da seguinte forma:

- a) Variação: diferentes formas que apresentam uma mesma função.
- b) Gramaticalização: diferentes formas que vão assumindo outras funções decorrentes desse processo.

Nesta pesquisa, estamos trabalhando com as formas alternantes *bom* e *bem* para verificarmos se tais formas estão em variação.

Capítulo III: OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

A partir do exposto no capítulo I, e com base nas abordagens teóricas do capítulo anterior, propomos os objetivos e formulamos as questões e hipóteses que guiam esta pesquisa.

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Analisar e descrever o uso variável das palavras *bom* e *bem* na fala de informantes da região sul do Brasil, em sua condição de MDs.

1.2 Objetivos específicos

- Identificar e categorizar as funções desempenhadas pelos itens *bom* e *bem* na fala dos informantes dos três estados da região sul;
- Verificar se estes itens se alternam como variantes de uma mesma variável, desempenhando as mesmas funções e compartilhando os mesmos contextos lingüísticos;
- Detectar os fatores condicionadores (lingüísticos e extralingüísticos) de realização do fenômeno em estudo; e
- Indicar o provável processo de mudança em que *bom* e *bem* estão envolvidos.

2. Questões e Hipóteses

Questão 1: Quais as funções discursivas desempenhadas pelos itens *bom* e *bem* na fala dos informantes da região sul do Brasil?

Hipótese: Contando com os estudos de Marcuschi (1989), Macedo & Silva (1996), Risso, Silva & Urbano (1996), Urbano (1999), Risso (1999) e Rost (2002) sobre os MDs, estabelecemos as palavras *bom* e *bem*, inicialmente, algumas funções, conforme descritas a seguir.

Considerando que o conjunto de funções desempenhadas por *bom* e *bem* seja grande, acreditamos que se distribuam em duas macrofunções: *articuladora interacional* (relação entre os interlocutores) e *articuladora textual* (relação entre falante e seu próprio texto). Ligadas a estas estão as funções mais específicas, como: *avaliativa*, *especificadora*, *questionadora*, *atenuadora*, *planejamento verbal*, *prefaciadora*, *retórica*, *diretiva*, *enumerativa*, *seqüenciadora*, *finalizadora* e *retomadora*. Postulamos também que estas funções atuam nos níveis interacional e textual a partir de uma propriedade geral *de chamada da atenção para a informação*.

Questão 2: As palavras em estudo comportam-se como variantes de uma mesma variável?

Hipótese: Para um fenômeno ser considerado variável, a teoria variacionista estabelece duas condições: equivalência em significado e ocorrência num mesmo contexto (cf. Labov, 1978). Sendo assim, apesar das palavras *bom* e *bem* atuarem em contextos que possibilitam a elas desempenhar diversas funções (cf. Castilho, 1989; Urbano, 1999; Risso, 1999, entre outros), elas apresentam-se unidas sob uma mesma propriedade, a *de chamada de atenção para a informação*; esperamos, pois, que possuem o mesmo significado/função. Entendemos *mesmo significado* não só como *mesmo valor de verdade* ou *mesmo significado referencial*, mas também como mesmo significado/função. Isso nos leva a acreditar que *bom* e *bem* são variantes de uma mesma variável lingüística e, por isso, são alternantes num mesmo contexto discursivo.

Questão 3: O fenômeno em estudo sofre influências de fatores lingüísticos e sociais? Como se dá tal condicionamento?

Hipótese: Tomando as palavras *bom* e *bem* como variantes de uma mesma variável lingüística, por encontrarem-se unidos pela propriedade *de chamada de atenção para a informação*, é possível, a partir das macrofunções e funções identificadas na fala dos

informantes, caracterizar alguns fatores lingüísticos e sociais, interferentes no seu uso, tais como:

- a) macrofunção: esperamos que a macrofunção textual e as suas respectivas funções sejam mais freqüentes, visto que apresentam um laço maior com a informação. Já a distribuição das variantes *bom/bem* nas funções deve ser diferenciada, no caso de haver uma certa especialização de uso;
- b) posição: com base em estudos realizados, acreditamos que as palavras em análise ocupem com maior freqüência a posição inicial de turnos de resposta;
- c) seqüência discursiva: esperamos que as palavras em análise ocorram mais em contextos narrativos, uma vez que o corpus de onde foram extraídos os dados é constituído por entrevistas.
- d) coocorrência: acreditamos que *bom* e *bem* ocorram freqüentemente sem coocorrência.

Em relação aos fatores sociais, alguns estudos realizados com itens discursivos³⁴, extraídos do *corpus* do projeto VARSUL, constataram a pouca influência desses na escolha de uma ou outra forma. Em outros³⁵, podemos observar que os fatores sociais apresentam evidências de que um processo de mudança está em andamento no uso dos itens analisados. Nossas expectativas para as palavras *bom* e *bem*, a partir de uma análise preliminar dos dados e com base em alguns estudos realizados com dados do Projeto VARSUL e outros, como os estudos de Macedo & Silva (1996) e Risso (1999) são de que: a palavra *bom* esteja mais presente em toda a região sul do Brasil, enquanto a palavra *bem* apareça com menor freqüência. Quanto à faixa etária e à escolaridade, os indivíduos mais velhos e mais escolarizados devem fazer um menor uso dos marcadores, enquanto que os mais jovens e menos escolarizados devem usar mais os marcadores. No que diz respeito ao sexo, esperamos a partir de outras pesquisas realizadas que os marcadores apareçam mais entre as mulheres. Para *bom* e *bem* especificamente não temos expectativas.

³⁴ DAL MAGO, Diane. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado].

VALLE, Carla Regina. *Sabe? – Não Tem? – Entende?: itens de origem verbal em variação como requisito de apoio discursivo*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado].

³⁵ ROST, Cláudia. *Olha e Veja: multifuncionalidade e variação*. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado].

TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de aí, daí, então, e e como conectores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1999. [Dissertação de Mestrado].

CAPÍTULO IV: METODOLOGIA

Apresentamos em maiores detalhes, neste capítulo, os procedimentos metodológicos tomados para a realização desta pesquisa.

1. Análise qualitativa e quantitativa

De acordo com Schiffrin (1987:67), a análise qualitativa permite-nos fazer uma abordagem mais refinada dos dados, ressaltando as particularidades da descrição e desprezando as tentativas de generalização, enquanto que a análise quantitativa possibilita-nos uma abordagem mais objetiva, controlando as particularidades para produzir resultados generalizados.

Nesta pesquisa, utilizamos a análise qualitativa para caracterizar as múltiplas funções desempenhadas pelas palavras *bom* e *bem*, através da observação cuidadosa de cada um dos itens, nos mais variados contextos de atuação. E também recorreremos à análise quantitativa para mostrar que os itens compartilham características e funções discursivas, considerando-os variantes de uma mesma variável.

2. A regra variável: duas restrições

No primeiro capítulo, constatamos que as palavras *bom* e *bem* estão atuando no contexto discursivo de modo bastante diversificado. A partir da observação de nossos dados, caracterizamos *bom* e *bem* com a propriedade comum *de chamada de atenção para a informação*, apesar de outros estudos terem reservado a eles a propriedade de *iniciadores de turnos respostas*. Sendo assim, o recorte da regra variável se deu a partir da propriedade *de chamada de atenção para a informação* no contexto discursivo, com o interesse de verificar as diferentes posições contextuais das palavras.

Todos os casos encontrados nas entrevistas observadas em que as lexias *bom* e *bem* apareceram com suas funções de adjetivo e advérbio modificadas, isto é, MDs foram considerados dados de análise.

Foram excluídos das análises qualitativa e quantitativa os dados referentes à fala dos entrevistadores e, também, os informantes que não apresentaram dados do objeto em estudo (ver anexo 04).

3. *O corpus*

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos dados pertencentes ao *corpus* do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil). Este projeto envolve pesquisadores de quatro universidades da região sul, Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), constituindo um banco de dados com amostras de quatro cidades representativas de cada um dos três estados, estado do Paraná (Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco); estado de Santa Catarina (Chapecó, Blumenau, Florianópolis e Lajes); estado do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Porto Alegre), cujos objetivos principais são mapear, descrever e interpretar os fenômenos de variação encontrados na fala desses Estados.

Analizamos as amostras das 12 cidades que compõem o banco de dados do projeto, num total de 288 informantes, 24 em cada cidade. Cada informante foi submetido à entrevista de cerca de uma hora de duração, realizada segundo a metodologia sociolingüística. Nessa amostra, a distribuição dos informantes por cidade é feita segundo a idade, sexo e escolaridade, como podemos ver no quadro 2:

	ESCOLARIDADE					
	Primário		Ginasial		Colegial	
Idade/Sexo	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
25 a 50 anos	2	2	2	2	2	2
+ de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total parcial	4	4	4	4	4	4
Total	08		08		08	
Total de 24 Informantes						

Quadro 2: Distribuição dos informantes por cidade.

4. A variável dependente e as variáveis independentes

Consideramos como variável dependente *bom e bem* que estabelecemos como regra variável a partir da propriedade de *chamada de atenção para a informação*, que as palavras compartilham. Com o objetivo de identificar os fatores condicionadores lingüísticos e sociais que favorecem o uso de uma variante sobre a outra, controlamos em relação à variável dependente dez variáveis independentes, das quais daremos maiores detalhes no capítulo VI³⁶. O quadro a seguir apresenta a variável dependente e as variáveis independentes.

Variável Dependente <i>Bom – Bem</i>	
Variáveis Independentes	
Lingüísticas	Sociais
Macrofunção	Sexo
Função	Idade
Posição	Escolaridade
Seqüência discursiva	Cidade
Coocorrência	Informante

Quadro 3: Variável dependente e variáveis independentes

³⁶ Porém, não temos expectativas quanto à variável especificamente.

5. Tratamento dos Dados

Os dados extraídos das 288 entrevistas que compõem o *corpus* do VARSUL totalizaram 872 ocorrências, 754 (86%) de *bom* e 118 (14%) de *bem*.

Em seguida à coleta, os dados foram codificados a partir do grupo de fatores de controle, que apresentamos acima. Após a codificação e digitação, os dados foram submetidos ao programa estatístico VARBRUL (cf. PINTZUK, 1998) para análise probabilística, o qual executou a combinação das variáveis lingüísticas e sociais, fornecendo-nos resultados de frequência, percentagem e peso relativo, associados a cada fator relevante para a escolha de uma ou outra forma.

CAPÍTULO V: A MULTIFUNCIONALIDADE DOS ITENS *BOM* E *BEM*

Neste capítulo, identificamos e caracterizamos as funções das palavras *bom* e *bem* nos contextos discursivos de falantes da região sul do Brasil, a partir de outros estudos já realizados sobre os MDs.

1. *Bom* e *Bem* no contexto discursivo

O primeiro capítulo tratou das palavras *bom* e *bem* e permitiu mostrar que estas estão assumindo outras funções no discurso. Em determinadas ocorrências *bom* e *bem* parecem apontar para a organização do texto, em outras são marcas de interação entre os interlocutores. Diante dos dois níveis de atuação, distribuímos as funções dentro de duas macrofunções³⁷: *macrofunção articuladora interacional* e *macrofunção articuladora textual*³⁸. A primeira “sinaliza o estreitamento dos laços interacionais, expressando diferentes intenções do falante (componente “orientado para o ouvinte” e “orientado para o falante”). O foco de atenção pode refletir simultaneamente sobre o próprio falante, o texto que ele está produzindo e o interlocutor. Há um envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais mais explícito (maior intersubjetividade)” (Rost, 2002:74). Relacionam-se a esta macrofunção, as funções: *avaliativa*, *questionadora*, *atenuadora*, *planejamento verbal* e *prefaciadora*. A segunda “auxilia na seqüencialidade do texto, ajudando a organizar a atitude do falante diante do próprio texto (componente “orientado para o falante”), caracterizando um grau maior subjetividade. Os itens atuam em contextos que relacionam diferentes operações como exemplificação, especificação, retomada entre outras. Essas operações sinalizam um menor grau de envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais, uma vez que o locutor procura viabilizar a articulação de segmentos de seu texto” (Rost, 2002:75). As funções ligadas à macrofunção textual são *a retórica*, *a especificadora*, *a diretiva*, *a enumerativa*, *a seqüenciadora*, *a finalizadora* e *a retomadora*.

³⁷ Macrofunção é entendida como uma função maior, mais genérica.

³⁸ Conforme Rost (2002:58) estabeleceu para os itens *olha* e *veja* com base nos graus de envolvimento dos parceiros, sugeridos por Urbano (1999:198).

É importante enfatizar que as funções identificadas não são das palavras propriamente ditas, mas dos contextos onde elas aparecem inseridas, de modo que *bom* e *bem* acabam incorporando as características do trecho discursivo sob seu escopo. Ou seja, as características funcionais do contexto recaem sobre as palavras relevantes, tornando-as mais interacionais ou mais textuais.

Vale ressaltar que dificilmente uma forma desempenha uma única função, é comum a coocorrência ou sobreposição de funções. Martelotta (1998:66) constata que isso se dá devido ao fato de que as funções “são manifestações de uma mesma macrofunção discursiva, ligada à viabilização da comunicação, em níveis lingüísticos diferentes”.

1.1 A propriedade comum atribuída às palavras

Os MDs, nas instâncias em que atuam, recortam diferentes dados do campo textual-interativo. *Bom* e *Bem* têm seu foco para o plano de uma “não-pessoa” (Benveniste, 1976), correspondente ao próprio assunto ou tópico em centração, a informação (cf. Risso, 1999). Por isso, optamos por atribuir-lhes a propriedade comum *de chamada de atenção para a informação*, o que confere a eles um compromisso maior com a estrutura ideacional. Todavia, *bom* e *bem* não deixam de comportar uma ligação, altamente forte, com a estrutura interpessoal, visto que não só auxiliam na organização do texto, marcando relação texto/falante, como servem também na eventual projeção de um aspecto interpessoal na dinâmica das relações textuais, o que dá a eles, em algumas ocorrências, a característica marcante de unidades interativas. Vejamos exemplos retirados de Risso (1999:269), nos quais *bom* e *bem* apresentam a propriedade geral *de chamada de atenção para a informação* a ser provida pelo locutor, na estrutura interativa:

(15) 11 L2 - Qual é o pior... horário... dessa saída da cidade... de manhã?

12 L1 - **Bom**... o pior horário... de saída... da cidade de manhã...

13 L2 – fica mais ou menos entre seis e oito hora né

14 L1 – não de seis ainda sai bem... mas entre sete... at~e umas:

15 oito e meia... é pior... hora de saída...

(16) 221 I.L.A. - daí é que vem minha

222 pergunta porque que: o experimento em laboratório...é

223 mais válido do que o experimento "in loco?"

224 **bem**... o de laboratório é mais válido João... sempre

225 que você pode fazer porquenormalmente é difícil você

226 fazer o experimento de laboratório... é mais válido...
 227 porque você... tem o homem como se o homem estivesse...
 228 despedido... de ideologia... de sua cultura... de seu:
 229 sentido... de religiosidade... tanto quanto possível
 230 é claro...
 (Risso, op cit.: 261)

A seguir vejamos os exemplos retirados de nosso *corpus*:

(17) E: *E {na}- na sua infância assim, como foi?
 F: ***Bom**, a minha infância foi sempre trabalhando, né? *Desde os de0z anos de idade eu trabalhava com meu pai, [depois]- depois fui trabalhando [por]- por conta própria. *Trabalhei dos de0z anos até me casar, trabalhava junto com meu pai. (CTB 02 L. 0525)

(18) E: E o que que o senhor acha que foi pior, a ditadura do Vargas ou a ditadura militar de sessenta e quatro por aí?
 F: **Bem**, a ditadura do Vargas teve uma coisa, a ditadura do Vargas só nos atingiu nós, os comunistas. (SB 19)

Nesses exemplos, percebemos, claramente, que o falante ao fazer uso de *bom* e *bem* introduz de imediato o que o entrevistador havia lhe solicitado e, portanto, as palavras estão direcionadas para a informação, mantendo, também, a interação no ato interlocutivo que está sendo processado entre os interlocutores.

1.2 As macrofunções articuladoras *interacional* e *textual* com suas respectivas funções

1.2.1 A macrofunção articuladora interacional

O emprego das palavras *bom* e *bem* marca a reciprocidade de informações entre os interlocutores nas relações face a face e, segundo Urbano (1999:198), sinaliza um maior grau de envolvimento do falante com o interlocutor e menor do falante consigo mesmo.

Nas ocorrências em que as palavras funcionam como marcas interativas, “os turnos de pergunta e resposta são reciprocamente interdependentes e atados por uma relação de *relevância condicional* (Schegloff, 1972)³⁹, denunciam o envolvimento mútuo

³⁹ SCHEGLOFF, E. Sequencing in Conversational openings. In: GUMPERZ, J. & HYMES, D. (eds) *Directions in Socio-linguistics*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1972.

dos locutores, no evento discursivo". Assim, os MDs "definem a reação imediata ao esquema enunciativo envolvido no turno precedente e, portanto, a atitude *responsiva ativa* (Bakhtin, 1992)⁴⁰ do interlocutor, para o atendimento do que lhe foi solicitado" (cf. Risso 1999:260).

Em seguida, apresentamos as funções em que *bom* e *bem* se revelam como marcas que facilitam a interação, com respectivos exemplos para cada uma das formas.

1.2.1.1 A função avaliativa

Na função avaliativa, o falante emprega *bom* e *bem* para introduzir contextos de avaliação do conteúdo que está sendo exposto. Vejamos, nos exemplos abaixo, as palavras *bom* e *bem* inseridas nestes contextos:

- (19) (...) Eu já tenho a casa aqui pra morar, já tenho a casa na praia, o que eu quero mais, né?
 E: *Viajar.
 F: *É. Ah, viajar. Ah, **bom**, eu gosto de viajar adoro. Eu disse pra ela que eu fui a Brasília, né? Adorei Brasília. Ah, fora de série. (POA 05 L. 0449)
- (20) E: *E daí, ela pretende o que que ela (hes) abrir um consultório? *[De dentista?]
 F: *[2É,2] acho que é bem provável, né?
 E: *Já pensou?
 F: ***Bem**, é uma beleza. né? (LD 02 L. 1383)

No exemplo (19) o informante utiliza *bom* para marcar uma avaliação do ato viajar. Em (20) *bem* inicia a avaliação do informante em relação à realização pessoal de uma pessoa.

1.2.1.2 A função questionadora

Há contextos que as palavras *bom* e *bem* introduzem um questionamento, isto é, o próprio falante se questiona, no decorrer de sua fala, a respeito da informação que está

⁴⁰ BAKHTIN, M.M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. De Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

contando ou, logo na abertura de seu turno, questiona o que lhe foi perguntado. Os exemplos a seguir evidenciam *bom* e *bem* nesses contextos de auto-questionamento do falante.

(21) (...) *Que nem a Copa de [<o->]- foi oitenta e seis, né? *Deus o livre! *Palhaçada! *Deu até raiva. *Só querem- *o Zico mesmo, e- *Não viu o que que ele pediu? [do]- [pro]- pra ++FIFA? *Pediu que eles ganhavam a Copa mas se eles pagassem pra eles ganhar. *Então pode! ***Bom**, o cara é patriota ou não? *Vá pro inferno! *Eu não concordo. (CTB 11 L. 0149)

(22) E: E como é que era a escola no seu tempo? No tempo que a senhora estudava?
F: **Bem**, como é que era. O que que tu queres saber? Como é que era? (SB 04 L.)

Em (21) o falante no decorrer de seu turno não concorda com a atitude de certa pessoa que pediu à Fifa que pagasse os jogadores para que em troca eles ganhassem a Copa, então, se questiona, “*bom, o cara é ou não patriota*”. Em (22) o falante inicia seu turno questionando a própria pergunta que lhe foi feita, “*bom como é que era?*”.

Encontramos, ainda, a palavras com a função questionadora, introduzindo um questionamento do falante para o seu interlocutor, vejamos um exemplo:

(23) (...) Quem plantou mandioca [<apod>] apodreceu lá na roça, a produção de feijão esse ano, feijão também, a produção desse ano é a maioria, digamos assim, setenta por cento apodreceu [na] na lavoura, apodreceu, não deu, é [aquela] aquela chuva toda que deu. **Bom** vocês moram aonde?
E: Curitiba. (PB 06 L. 0845)

1.2.1.3 A função atenuadora

As relações dentro do espaço discursivo são imprevisíveis, em muitas situações representam uma ameaça ao falante, por isso, o falante utiliza em seu discurso elementos que funcionam como atenuadores. Estes elementos introduzem contextos com a finalidade de limitar ou neutralizar possíveis reações desfavoráveis ou interpretações contrárias ou prejudiciais por parte do interlocutor, ou ainda podem revelar o não comprometimento do falante com relação à informação proferida (cf. Rost, 2002:64).

Segundo Macedo e Silva (1996:40), os MDs iniciais tendem a desempenhar em alguns contextos o papel de atenuadores, porque há necessidade de preservar a face dos

interlocutores no momento do ato discursivo, visto que: “a necessidade de utilizarmos atenuadores na interação se baseia no modelo de Brown e Levinson, segundo o qual, uma das principais preocupações nos contatos humanos é preservarmos a imagem ou face dos interlocutores, de modo que sejam mantidas ao mesmo tempo a liberdade de ação de cada um e o desejo de aprovação que cada um tem como parte necessária da psiquê humana”.

Os exemplos a seguir foram retirados de nosso *corpus* e mostram *bom* e *bem* inseridos em contextos de atenuação.

(24) E: E de toda essa região, qual a que o senhor gosta mais?

F: **Bom**, eu estive em Canoinhas. *Não posso dizer que [é um]- é um lugar mau. *Sim, gostei, né? *Curitibanos também não (falando rindo) é um lugar mau. Também gostei, ta? *Três Barras também é um lugar bom. Gostei. (“E assim.”) (FLP 05 L.)

(25) E: *A respeito da mudança da capital, de Florianópolis para Curitibanos, a senhora acha que é uma boa pro pessoal aqui do oeste?

F: **Bem**, eu acho que até poderia ser uma boa para o pessoal do oeste, *Mas eu vejo, assim, uma despesa muito grande, (est) sabe? Porque? Você pensa bem, em Florianópolis está tudo estruturado, agora, deixar tudo lá pra vir fazer em curitibanos, eu acho que nós não estamos em dias e momentos pra fazer isso. (CHP 16 L. 0643)

Em (24), o falante introduz o turno com *bom*, a fim de não dar uma resposta negativa ou positiva ao entrevistador, ou seja, fala que gosta das cidades, mas para o ouvinte fica uma incerteza da qual realmente gosta. No exemplo (25), o falante também não se compromete com a resposta dada, isto é, o falante não se posiciona nem a favor nem contra a mudança de capital.

1.2.1.4 A função de planejamento verbal

Encontramos as palavras sob análise em alguns contextos, marcando a simultaneidade da manutenção de turno e tempo para a organização textual, assim, o falante faz uso das lexias para ganhar tempo na construção de sua fala e dar continuidade à seqüência discursiva.

Risso (1999:277) ressalta que as palavras *bom*, *olha* e *ah* funcionam como enchiços verbais para manter o canal de interlocução em aberto, enquanto se procura o rumo da formulação a ser dada ao tópico.

Urbano (1999:210) caracteriza este tipo de contexto com a *função retardadora*. Já para Macedo & Silva (1996:12), os elementos que ocupam os contextos discursivos que evitam o silêncio enquanto um novo trecho de fala está sendo preparado são chamados de *preenchedores de pausa*. Em nossa pesquisa, adotamos para esses contextos a denominação usada por Rost (2002:65) de *planejamento verbal*.

Vejamos os contextos em que as palavras funcionam com a *função de planejamento verbal*:

(26) (...) O poste da frente da minha casa, que é um dos postes mestre [da] da luz, quebrou em três pedaços Ele torceu assim mas foi tudo, não ficou uma árvore aqui em pé, nada, foi assim uma destruição aqui. E foi pra lá [e aqui] e aí teve lugares mais piores ainda, piores, piores. Aqui pra cima. **Bom**, [aqui] aqui veio [na] [na] no colégio aqui [dá] dá o que, acho que dá dois quilômetros daqui, fica pra cima daquele prédio lá, uma distância que dê daqui...
(PB 11 L. 0470)

(27) E: *Sei. *E na família [da]- das tuas amigas, as pessoas que você convive, né? Aqui em Chapecó (est) (hes) também é assim, ou [você]- a tua família é diferente?
F: ***Bom**, o que eu noto, digamos assim, é que- **bom**, na família é assim, eu vejo (hes) porque0 mais amigos assim, digamos assim,ó vejo que nem eu, as minhas primas é assim, (est) porque é uma família só, né? (CHP 19 L. 1290)

Nos exemplos (26) e (27), *bom* e *bem* atuam como elementos que ajudam o falante a ganhar tempo para reorganizar sua resposta.

1.2.1.5 A função prefaciadora

Em muitas ocorrências, as palavras *bom* e *bem* introduzem contextos em que a atitude responsiva do falante, logo no início do segundo turno, nem sempre corresponde ao tópico da pergunta.

Segundo Risso (1999:272-73), o falante recorre com bastante frequência a respostas prefaciadas na abertura de turnos de respostas, isto é, o falante adia o atendimento imediato do tópico relevante da informação suscitada pela pergunta do interlocutor. O exame dos dados analisados por Risso mostra uma pequena ligação dos

itens com as interrogativas globais⁴¹. Assim, a autora constata que respostas prefaciadas ocorrem devido ao tipo de pergunta proferida, visto que o vínculo maior foi com interrogações parciais ou de instanciação, encabeçadas por pronomes e advérbios interrogativos, ou marcadores de tematização, ou expressões solicitadoras de opinião; estas propiciam, como resposta, desenvolvimentos tópicos e posicionamentos que vão além de simples afirmação ou negação.

Schiffrin (1987) revela que *well* funciona como um marcador de resposta, que engaja o interlocutor em um turno de resposta, cujo tópico principal para a coerência da resposta não é precisamente seguido.

O exame realizado em nossos dados constata que os locutores empregam *bom* e *bem* em contextos em que as questões que lhe são dirigidas são respondidas com respostas prefaciadas. Vejamos os exemplos:

(28) E: *E tem alguma outra festa característica alemã assim que a senhora costuma participar?
E: ***Bom**, (hes) houve uma época, (hes) que agora não, por motivo [o]- inclusive [de]- 0 de não poder mais participar, é jogar bolão. (BLU 21 L. 0775)

(29) E: *Seu Elói, o senhor falou pra mim que o senhor ocupa um cargo como secretário na cooperativa?

Explique pra mim detalhes como é que funciona também essa sua atividade aqui na cidade.

F: ***Bem**, a cooperativa à qual nós estamos filiados no município de Vitorino, foi criada em vinte e cinco de março de 1965 [um] uma cooperativa. Esta cooperativa chama se Cooperativa Agrícola, aliás Cooperativa Agropecuária Guarani Limitada, com a sigla de CAPEG.

(PB 21 L.)

No exemplo (28) a pergunta dirigida ao informante apresenta o formato de interrogação global, mas a presença de *bom*, funcionando como prefaciador, antecipa que a resposta não será dada em teor afirmativo ou negativo. Primeiramente, o falante apresenta uma informação mais expandida do assunto para, em seguida, narrar a resposta referente à questão inicial, assim, *bom* retarda a resposta esperada pelo entrevistador. Em (29) o falante desvia-se do tópico em questão “*como funciona sua atividade na cidade*”, ao falar *a data de criação da cooperativa*. Durante todo enunciado o falante não deixa explícito através de sua fala o funcionamento de sua atividade na cidade, neste caso *bem* inicia a

⁴¹ Interrogativas globais propiciam respostas mais breves, de teor afirmativo ou negativo (cf. Risso, *op cit.*:273).

resposta do falante dando uma informação que não foi solicitada pelo entrevistador, funcionando como uma palavra que abre uma resposta prefaciadora.

1.2.2 A macrofunção articuladora textual

A partir de nossos dados e conforme Rizzo (*op cit.*), verifica-se que o emprego de *bom* e *bem* não se restringe ao esquema do par pergunta/resposta, à medida que uns mais, outros menos, introduzem, no decorrer do tópico, diferentes operações como de exemplificações, citações, de reintrodução de uma sequência expositiva suspensa, de finalização de um tópico, entre outros. Nestas operações, as palavras são utilizadas na codificação de segmentos textuais que permitem a construção coesa e coerente do texto falado.

Assim, *bom* e *bem* funcionam como operadores da organização sintática, sinalizando um maior grau de envolvimento do falante consigo mesmo e com o texto que está sendo produzido.

A seguir, apresentamos as funções que *bom* e *bem* estão desempenhando ao realizarem essas operações.

1.2.2.1 A função retórica

Podemos atribuir também, em alguns contextos, as palavras *bom* e *bem*, a função retórica proposta por Urbano (1999:198). Nesta o falante formula uma pergunta que ele mesmo responde na sequência discursiva. No ato do falante perguntar e ele mesmo responder as palavras iniciam a auto-resposta, o que caracteriza um maior grau de subjetividade. Nas funções desempenhadas pelos MDs encontramos "vários graus de envolvimento dos parceiros, indo do maior envolvimento do falante consigo mesmo e menor com o interlocutor (maior grau de subjetividade) até a uma situação oposta (maior grau de intersubjetividade)".

Acreditamos encontrar, em nosso *corpus*, exemplos em que *bom* e *bem* estejam inseridos em contextos que possibilitam a eles a *função retórica*. Vejamos:

(30) E: *Você não sabe até *Tem alguma tem alguma obra. tem alguma obra que você lembre agora que ele fe0z, que marcou aqui em Irati?

F: *Obras? ***Bom**, depende a obra, que nem a obra de lazer tem, né? (IR 11 L.)

(31) (...) *Você já andou ali por perto do cemitério, ali por ali?

E: Cemitério, não!

F: Não? ***Bem**, a nossa criação durante o dia ficava ali, né? Pastando, e à noite o pai chamava e fechava numa estrebaria. *Tinha uma estrebaria bem grande, tinha quatro terrenos, e deixava a criação ali. (CHP 21 L. 068)

Nos exemplos (30) e (31), os falantes repetem a pergunta e, em seguida, iniciam a auto-reposta com *bom* e *bem*, caracterizando-os com a *função retórica*.

1.2.2.2 A função especificadora

Em alguns contextos discursivos, o entrevistador ao fazer sua pergunta cria terreno para uma resposta de teor mais genérico, no entanto, o informante reage à pergunta com dados mais específicos.

Também pode ocorrer que o falante esteja desenvolvendo uma informação genérica e, em seguida, passa a detalhar a informação com dados mais específicos. Segundo Valle (2001:71), este tipo de contexto favorece a função especificadora. Para a autora, em seu estudo sobre os RADS⁴² *sabe?* *não tem?* e *entende?*, os itens adquirem a função de especificação quando atuam como ponte entre o elemento o qual focalizam e sua especificação, apontando suas características, detalhando-o, clareando-o.

Encontramos as lexias *bom* e *bem* introduzindo este tipo de contexto. Vejamos os exemplos:

(32)F: Tem de0z anos, é. (est) *Então, pra fazer a ponte, então eles desmataram bastante aqui atrás né? (est) Desmataram bastante pra fazer as pistas. *Então já modificou bastante o bairro.

E: *Isso aí influenciou na vida das pessoas também?

F: **Bom**, [naminha-] na minha vida, por exemplo, como [é]- modificou. *Porque eu gostava muito de caçar. *("A gente caçava") no capão, não é? (est) *É assim que a festa acabou. Já

⁴² RADs (Requisitos de Apoio Discursivo). Valle (2001) adotou em sua pesquisa a denominação RAD como forma de designação mais geral para *sabe?*, *não tem?* e *entende?*.

(hes) as crianças hoje não têm mais onde, né? *Tínhamos aqui, né? O campo de futebol que foi construído o Expresso Florianópolis, (est) naquele lado. (FLP 10 L. 0228)

(33)E: *E os seus filhos, seu Bruno falam alemão?

F: **Bem** a mais velha, quando entrou [no] [no] [no] no jardim de infância, ela sabia falar alemão <el> português talvez três, quatro palavras, falava só alemão. Foi no colégio das mães, a mãe pegou a gurua e disse: “Não tem problema pode deixar a aí, eu me entendo com ela”. A mãe pretinha não <falhia> falava nada alemão, mas conseguiu com que a gurua gostasse [do] [do] do jardim de infância, aprendeu a falar o português lá e com nós, normal. O rapaz, quando foi [na] no jardim, ele começou a ir no jardim de infância sabia as duas línguas e a menor já só sabia mais o português. (PN, 17)

Nos exemplos (32) e (33) a pergunta favorece uma resposta mais genérica, no entanto, o interlocutor introduz a resposta com as palavras *bom* e *bem* e, em seguida, fornece mais informações do que era esperado. Em (32) o entrevistador quer saber se *a construção da ponte influenciou na vida das pessoas*, isto é, *na comunidade em geral*, mas, o falante reage dizendo *bom na minha vida; na das crianças*. Em (33) o entrevistador questiona o seu interlocutor se *os seus filhos falam alemão*, porém, o falante responde com dados particulares de cada filho individualmente, *bem a mais velha; o rapaz* e por último *a menor*.

1.2.2.3 A função diretiva

Bom e *Bem* iniciam contextos em que o falante vai direto à informação que lhe foi solicitada. Rost (2002:70), em seu estudo direcionado aos MDs *olha* e *veja*, ressalta que contextos que acrescentam de imediato a informação que particulariza e/ou exemplifica o que está sendo dito pelo informante ou o que foi questionado pelo entrevistador apresenta a função exemplificativa. Em nossa pesquisa, caracterizamos esse tipo de contexto como de *função diretiva*. Vejamos os exemplos retirados de nossos dados:

(34) E: *Dona Maria, a senhora poderia dizer pra gente como é que era a sua infância aqui em Chapecó, ou onde a senhora nasceu? Com seus pais, seus irmãos- *Conta pra gente como é que era.

F: **Bom**, nós fomos muito sofridos por causa que0 se criamos sem o pai, que o meu pai faleceu nós éramos pequeninhos ainda. (est) *E0 fomos0 ficando junto [com <ma->]- com a nossa mãe, assim trabalhando, fazendo o que- *Mas sempre pobre, sabe? *Sempre, tudo, vida pobre. (CHP,06)

E: (35) E: *[É]- então, senhor Dirceu, eu gostaria que o senhor [é]- falasse um pouquinho né? sobre o bairro aqui. *Como que era o bairro antigamente em relação a hoje.

F: ***Bem**, [o]- o bairro aqui antigamente eu me recordo, no tempo que eu era criança, aqui, as ruas aqui eram tudo ruas assim de terra, terra batida, barro e aquele tempo chovia muito aquele tempo, então0 qualquer chuva (...) (CTB, 21)

Tanto no exemplo (34) como no exemplo (35) as palavras *bom* e *bem* introduzem um contexto que logo de imediato corresponde à resposta esperada pelo entrevistador.

1.2.2.4 A função enumerativa

As palavras *bom* e *bem* introduzem contextos em que o falante enumera fatos. Macedo & Silva (1996:43), ao caracterizar as funções dos MDs iniciadores *ah*, *bom* e *olha*, observou que o MD *bom* aparece, com bastante frequência, nesses contextos de enumerações. Observemos os exemplos abaixo, que reproduzem *bom* e *bem* atuando em contexto que apresenta a suposta função.

(36) E: *E porque a senhora acha que é mais fraco hoje, [que]- que mudou nesse tempo?
*Porque que ficou ruim?

E: ***Bom**, primeiro porque os professores são mal remunerados (est). *Com o tanto que se estuda, né? Que se esforça, são mal remunerados. Segundo porque0 há lei de que não pode castigar, né? (LD, 01)

(37) (...) Tinha o pai que não deixava casar com PTB e PSD não, deixava. Não deixava. Ah, a cidade a cidade aqui e como é que acabou? Você diz. **Bem**, foi primeiro foi desenvolvimento, né? lógico, né? Segundo, os coronéis foram morrendo, né? Terceiro, a política foi se diversificando e misturando, né? (PB, 24)

Estes exemplos apresentam, claramente, as palavras *bom* e *bem* inseridos em contextos que caracterizam a função enumerativa. Os falantes fazem uso dos MDs *bom* e *bem* para introduzir um contexto que enumera situações, acontecimentos, ou seja, primeiro isso, segundo aquilo, etc.

1.2.2.5 A função seqüenciadora

Em determinados contextos as palavras *bom* e *bem* atuam na macro-estruturação do texto demarcando as grandes partes de uma exposição, ou abrindo lances menores de informações integradas na constituição interna de um determinado tópico (cf. Risso, 1999:292). Neste caso, as palavras na sua maioria estão acompanhados de elementos de função seqüenciadora, *mas*, *aí*, *então*, *e* (cf. Macedo e Silva, 1996:12).

(38) (...)”Não. *Inverno não é”, digo, “porque eu nasci num clima frio⁰ e trabalhei vinte e cinco anos [num]- num grupo como professora, enfrentando todo tipo de intempérie e numa os meus lábios descaçaram”. *Ele disse: *”Mas do tratamento da boca não é”. *Quer dizer que ele já quis- (est) “do tratamento da boca não é”. *Ele disse: “Ah, não sei”, eu não sei. **Bom**, daí o tratamento se prolongou, eu vim embora, depois fui (hes) experimentar os metais vim outra vez, pus provisório, depois fui outra fui outra vez pra colocar o dente. (IR, 12)

(39) Então [a gente sempre] eu sempre me dediquei muito a eles. Então cada reunião que tinha eu estava junto. Marido ficava porque ele não gosta muito de sair, então a gente sempre estava caminhando junto com os filhos, né? Até quando eles chagaram à maioridade. **Bem**, aí, quando eu [que] poderia estranhar, digamos assim, que eu parei, aí eu já estava adaptada, né? (SB, 17)

Os exemplos (38) e (39) evidenciam as palavras *bom* e *bem* como sinalizadores de cada passo da evolução da informação que vai sendo tecida, o que permite atribuir a eles a função de seqüenciadores tópicos.

1.2.2.6 A função finalizadora

Bom e *bem* são utilizados em contextos que finalizam ou concluem tópicos e turnos no decorrer da atividade discursiva. Aos elementos que dão um fecho ao turno de um falante, Macedo e Silva (*op cit.*:12) classificam-nos como *finalizadores*.

(40) E: *E hoje a senhora tem uma filha que mora aqui nessa casa com a senhora?
F: *Tenho uma⁰ solteira, e uma neta. *Que a neta também me aconteceu uma coisa que (hes) não posso nem me alembrear. *[Que era a]- porque a mais velha, a filha, depois o filho, a terceira da família, porque eu já vim com três [de]- lá de Erechim, e ela casou. *Ela era novinha, tinha dezoito anos, quis casar, mas nós não estávamos meio- *Não estávamos de acordo com esse casamento, porque se via que [era]- não era um casamento bom pra ela, ela quis casar. ***Bom** casou. *Ela até estava em casa alugada, tudo, depois ele, o meu marido ajudou. (CHP, 13)

- (41) F: *Na minha família e nem a família da minha mulher não tem, nós fomos os primeiros.
 *Fomos os premiados.
 E: *Mas deve ser um susto, né?
 F: *Não, até que não, sabe? **Bem**, dois, [então]- então está bom. (CTB, 03)

No exemplo (40) a informação dada após a palavra *bom* conclui o tópico que vinha sendo abordado “*casamento*”. Em (41) a palavra *bem* finaliza o turno do falante. Esses exemplos caracterizam os contextos em que as palavras *bom* e *bem* utilizados, na amostra em análise, assumem a função de finalização.

1.2.2.7 A função retomadora

As palavras *bom* e *bem* atuam em contextos que funcionam na retomada de um ponto suspenso. Risso (1999:290) enfatiza que os usos dessas palavras estendem-se às operações de retomada de um ponto de relevância, em razão da interposição de informações subsidiárias na informação básica que vinha em curso.

Valle (2001:73) ressalta que o RAD, ao marcar um comentário de fundo, indica que aquele trecho está interrompendo um tópico principal, também, contribuindo para a recuperação ou sequência do mesmo. No estudo de Dal Mago (2001:), o MD *quer dizer* aparece em contextos que reintroduzem informações comentadas anteriormente.

Em nossos dados, parece que as palavras *bom* e *bem* estão atuando como retomadores de um tópico para explicá-lo ou enfatizá-lo. Vejamos os exemplos:

- (42) E: *E a senhora lembra da época do seu pai? *Ele não chegou a fazer vinho, né? *Ele trabalhava num frigorífico, né?
 F: *É, o meu pai sempre lidou mais0 com isto. **Bom**, meu pai, princípio, princípio mesmo ele era professor, (est) tá? *Depois, então, ele começou a trabalhar, assim, em frigorífico, né? (CHP, 16)
- (43)E: A senhora pode continuar. Sobre o mesmo que a senhora estava falando. Falando do Vale.
 F: Ah! Da Vale. É, e Itabira <gi> gira praticamente a cidade inteira, uma cidade com cento e trinta mil habitantes, **bem**, mas ela <gi> [é] a Vale é [a] a que impulsiona tudo: comércio e tudo é em redor da vale. (PN, 18)

As palavras *bom* e *bem*, nos exemplos acima, contribuem na seqüência do tópico em (42) quando a falante continua expondo sobre seu *pai* e, na recuperação do tópico em (43), quando o falante incorpora ao texto um tópico já mencionado *o lugar*.

Finalizado a apresentação geral das macrofunções e funções discursivas desempenhadas pelas palavras *bom* e *bem* nos contextos em que se encontram, vejamos, no quadro abaixo, suas multifuncionalidades:

<i>Propriedade de chamada de atenção para a informação</i>	
Macrofunção Interacional	Macrofunção Textual
Funções	Funções
Avaliativa Questionadora Atenuadora (Macedo & Silva, 1996; Rost, 2002) Planejamento Verbal (Risso, 1999; Urbano, 1999; Rost, 2002) Prefaciadora (Schiffrin, 1987; Risso, 1999; Rost, 2002)	Retórica (Urbano, 1999; Rost, 2002) Especificadora (Valle, 2001) Diretiva (Rost, 2002) Enumerativa (Macedo & Silva, 1996) Seqüenciadora (Macedo & Silva, 1999; Risso, 1999) Finalizadora (Macedo & Silva, 1996) Retomadora (Risso, 1999; Valle, 2001; Dal Mago, 2001)

Quadro 4: Multifuncionalidade de *Bom* e *Bem*.

CAPÍTULO VI: FUNCIONAMENTO DOS ITENS *BOM* E *BEM*

Neste capítulo, primeiramente descrevemos os passos iniciais que levaram as rodadas estatísticas. Em seguida, apresentamos os grupos de fatores condicionadores na escolha das variantes por ordem de significância. Assim, começamos pelos fatores sociais, pois foram considerados estatisticamente os mais significativos na escolha de uso das palavras *bom* e *bem*. Dando continuidade à análise apresentamos os fatores lingüísticos, sendo que só o grupo de fatores *função* foi considerado relevante no uso das variantes.

1. Passos iniciais

Para análise quantitativa, os dados das ocorrências de *bom* e *bem* foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL (Pintzuk, 1988), o qual nos forneceu as rodadas estatísticas dos dados.

Controlamos cinco variáveis lingüísticas (macrofunção, função, posição, seqüência discursiva, coocorrência) e cinco extralingüísticas (sexo, idade, cidade, escolaridade e informantes), além da variável dependente, para o estudo da variação das palavras *bom* e *bem*. Como a palavra *bom* apresentou mais ocorrências em relação a palavra *bem*⁴³, escolhemos a variante *bom* para a aplicação da regra, ou seja, os resultados explícitos nas tabelas correspondem ao uso de *bom*, em oposição a *bem*, cujos resultados ficam implícitos.

A distribuição das variantes em relação a cada fator foi obtida numa primeira rodada através do programa MAKE3000, da qual foram extraídas as frequências e percentagens para a discussão de alguns grupos de fatores. A seguir, a rodada do programa IVARB, que fornece também os pesos relativos ou probabilidades, mostrou, numa rodada geral com todos os estados, como estatisticamente significativos os seguintes grupos de fatores, por ordem de relevância: idade, cidade e escolaridade – portanto, apenas variáveis

⁴³ *Bom* apresentou 754 ocorrências e *bem* 118.

sociais. Como há grupos com muitos fatores (a função, por exemplo, tem 12 fatores⁴⁴), resolvemos realizar algumas amálgamas, na expectativa de que alguma variável linguística passasse a ser significativa. Após esse procedimento metodológico, passamos a ter quatro grupos de fatores estatisticamente relevantes, com inserção da variável *função* como a terceira mais significativa. A ordem de seleção dos grupos ficou, então, a seguinte: *idade*, *cidade*, *função* e *escolaridade*.

A seguir, foram realizadas rodadas por estado, na tentativa de delinear melhor o comportamento da variável, já que o grupo cidade mostrou-se significativo. No estado do Paraná foram quatro grupos significativos: cidade, sexo, função e idade. Observamos que, em relação à rodada geral, apenas houve substituição do grupo *escolaridade* por *sexo*, com alguma alteração na ordem de seleção. No Rio Grande do Sul tivemos dois grupos que apresentaram relevância no uso de *bom* e *bem*: escolaridade e cidade. Já em Santa Catarina, os grupos de fatores não revelaram significância estatística.

Como podemos observar, as variáveis sociais foram as que mais apresentaram relevância na escolha das palavras *bom* e *bem*. Assim sendo, começamos a apresentação dos resultados a partir dos fatores sociais.

2. Os grupos de fatores condicionadores

2.1 Os fatores sociais

Os estudos realizados com fenômenos discursivos têm revelado que a atuação das variáveis sociais costuma ser insignificante. Dal Mago (2001) e Valle (2001), em análises sobre alguns fenômenos discursivos com dados do VARSUL, constataram que a atuação das variáveis sociais na escolha de um ou outro item linguístico é pequena. Já Tavares (1999) e Rost (2002) verificaram que as variáveis extralingüísticas apresentaram

⁴⁴ Função avaliativa, função especificadora, função questionadora, função atenuadora, função de planejamento verbal, função prefaciadora, função retórica, função diretiva, função enumerativa, função seqüenciadora, função finalizadora e função retomadora.

evidências de que um processo em mudança está em andamento no uso dos itens analisados.

Neste caso, para verificarmos se as variáveis sociais estão ou não contribuindo na variação, controlamos, como o quadro a seguir apresenta, os seguintes grupos de fatores sociais:

VARIÁVEIS SOCIAIS	
1) Idade	- 25 a 49 anos - mais de 50 anos
2) Cidade (Estado)	- Paraná (Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco) - Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lajes) - Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja)
3) Escolaridade	- primário - ginásial - colegial
4) Sexo	- masculino - feminino
5) Informantes	- todos que apresentaram dados

Quadro 5: Distribuição das variáveis sociais controladas para a escolha de *bom* e *bem*.

As rodadas estatísticas de nossos dados apontaram que os fatores sociais, na sua maioria, são os responsáveis na escolha de uma ou outra forma. Os resultados são apresentados na seguinte ordem: primeiramente, a tabela extraída da rodada geral (os três estados); em seguida, as tabelas construídas a partir das rodadas individuais por estado. Contudo, cada um dos grupos de fatores é apresentado respeitando a ordem de significância estatística identificada pelo programa VARBRUL.

2.1.1 Idade

2.1.1.1 Caracterização e hipóteses

Consideramos, em nossa análise, amostras coletadas de informantes que estão distribuídos em duas faixas etárias⁴⁵.

Macedo e Silva (1996:15), em análise de alguns marcadores, partiram da hipótese de que quanto menor fosse a faixa etária maior seria o uso dos marcadores. Valle (2001) e Rost (2002) também acreditaram nesta hipótese de que a utilização dos marcadores diminuiria à proporção que aumentaria a faixa de idade.

Os resultados obtidos por Macedo e Silva (*op cit.*) não se mostraram significativos. Já Valle (*op cit.*) constatou que, de maneira geral, o uso dos RADS diminui ao aumento da faixa etária. Rost (*op cit.*) confirmou que, em termos gerais, os informantes de menos idade fazem mais uso de marcadores. No entanto, a autora, ao analisar as cidades⁴⁶ isoladamente, verificou em Florianópolis o inverso: à medida que aumenta a idade aumenta o uso de marcadores⁴⁷; em Porto Alegre o emprego dos marcadores mostrasse equilibrado nas duas faixas de idade e em Curitiba há predomínio de marcadores na faixa mais jovem e decréscimo nos mais velhos, confirmando a hipótese da pesquisadora a respeito do uso de *olha* e *veja*.

Nossa expectativa é de que os marcadores de modo geral apareçam na fala de informantes mais novos⁴⁸. Com base na frequência de uso já verificada empiricamente, acreditamos que os mais jovens sejam mais propensos ao uso da forma mais recorrente: *bom*.

2.1.1.2 Resultados

Na *rodada geral*, a variável idade foi o primeiro grupo selecionado relevante na escolha da variante *bom*. Nas *rodadas por estado*, essa variável foi o quarto grupo de

⁴⁵ Conforme descrito na Metodologia

⁴⁶ A autora analisou dados das seguintes cidades: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

⁴⁷ 15 a 24 anos (23%) > 24 a 49 anos (31%) > + de 50 anos (46%).

⁴⁸ Conforme as autoras citadas.

fatores considerado significativo para o estado do Paraná, não sendo selecionado para os demais estados.

Vejamos a tabela com resultados obtidos na rodada geral:

Tabela 1: Influência da idade sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* na região sul.

IDADE	Freq Apl/Total	%	P.R.
24 a 49 anos	338/366	92	0,64
Mais de 50 anos	416/506	82	0,40
Total	754/872	86	

Evidenciamos a partir dos resultados que a nossa expectativa em termos de frequência não se confirma, uma vez que os informantes mais velhos fazem mais uso dos marcadores (506 em 872= 58%). No que se refere às palavras, verificamos que os mais novos tendem mais ao uso de *bom* (0,64) e desfavorecem o *bem*, enquanto que os mais velhos inclinam-se a favorecer o uso de *bem* e desfavorecer o emprego de *bom* (0,40) – o que está de acordo com nossa hipótese.

A seguir vejamos a tabela contendo os resultados do estado do Paraná:

Tabela 2: Influência da idade sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* no estado Paraná.

IDADE	Freq Apl/Total	%	P.R.
24 a 49 anos	159/170	94	0,60
Mais de 50 anos	142/183	78	0,40
Total	301/353	85	

Tanto em relação à frequência como em termos de probabilidades os resultados foram semelhantes aos da rodada geral. Os informantes mais velhos são os que fazem mais uso dos marcadores (183 em 353= 52%), embora a diferença seja pequena; porém os mais novos favorecem o uso de *bom* (0,60) e os mais velhos desfavorecem essa variante (0,40).

Apresentamos em seguida a tabela com resultados de frequência extraídos das rodadas do estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul⁴⁹.

⁴⁹ Apresentamos apenas os resultados percentuais, visto que a idade não se mostrou estatisticamente relevante nos dois estados.

Tabela 3: Distribuição da palavra *Bom* em relação à idade nos estados de Santa Catarina e de Rio Grande do Sul.

IDADE	Santa Catarina		Rio Grande do Sul	
	<i>Bom</i>		<i>Bom</i>	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
24 a 49 anos	82/91	90	92/100	92
Mais de 50 anos	125/150	83	157/178	88
Total	207/241	86	249/278	90

Os resultados obtidos continuam revelando uma preferência de uso de ambos os marcadores por falantes acima dos cinquenta anos (leitura vertical da tabela). Também se mantém praticamente sem diferenças acentuadas entre os estados o comportamento dos indivíduos quanto à escolha de uma ou outra variante: os de menor idade preferem mais à variante *bom* (90% e 92%) em relação aos mais velhos (83% e 88%).

2.1.2 Cidade

2.1.2.1 Caracterização e hipóteses

Na rodada geral a variável *cidade*, dentre os fatores sociais, foi a segunda selecionada em significância. Nas rodadas específicas de cada estado, essa variável foi o primeiro grupo relevante para o Paraná e o segundo para o Rio Grande do Sul.

Rost (2002:117), ao analisar os itens *olha* e *veja*, constatou que a variável cidade, também, se mostrou relevante (segundo grupo selecionado) no uso desses itens.

Nossa expectativa, como foi apresentada no capítulo III, é de que a palavra *bom* esteja mais presente em todas as cidades da região sul. Não temos nenhuma hipótese específica acerca de eventuais condicionamentos.

2.1.2.2 Resultados

Vejamos a tabela com os resultados extraídos da rodada geral:

Tabela 4: Influência da cidade sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* na região sul.

CIDADE	Freq Apl/Total	%	P.R.
Blumenau	75/77	97	0,84
Porto Alegre	62/65	95	0,76
Flores da Cunha	96/102	94	0,70
Irati	83/89	93	0,58
Lajes	38/42	90	0,56
Londrina	42/45	93	0,53
Curitiba	126/142	89	0,47
Panambi	53/60	88	0,44
Florianópolis	32/41	78	0,34
Chapecó	62/81	77	0,25
São Borja	35/51	69	0,20
Pato Branco	50/77	65	0,19
Total	754/872	86	

Verificamos que os resultados confirmam nossa hipótese geral quanto ao uso das palavras na região sul. Como podemos perceber na tabela acima, em cada uma das cidades há um acentuado predomínio do uso de *bom*, oscilando em termos percentuais: de 97% (Blumenau) a 65% (Pato Branco).

Os resultados em peso relativo revelam que há uma tendência acentuada para que *bom* ocorra na fala de informantes de Blumenau (0,84), Porto Alegre (0,76) e Flores da Cunha (0,70). Percebemos uma forte inibição de seu uso na fala de informantes de Florianópolis (0,34), Chapecó (0,25), São Borja (0,20) e Pato Branco (0,19). Por outro lado, em Irati (0,58), Lajes (0,56), Londrina (0,53), Curitiba (0,47) e Panambi (0,44), os resultados indicam uma inclinação à neutralidade.

Em relação à distribuição geral dos marcadores por cidade, temos: Curitiba (16%), Flores da Cunha (12%), Irati (10%), Chapecó, Blumenau e Pato Branco (9%), Porto Alegre e Panambi (7%), São Borja (6%), Londrina, Lajes e Florianópolis (5%).

Dada essa concentração observada em algumas cidades, realizamos uma rodada estatística amalgamando as cidades por estado. Feita a rodada, não obtivemos significância, porém o estado do Paraná foi o que apresentou maior frequência no uso dos marcadores (353 em 872 = 40%), depois Rio Grande do Sul (32%) e, por último, Santa Catarina (28%).

Observemos a seguir as tabelas referentes aos resultados dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul⁵⁰:

Tabela 5: Influência da cidade sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* no estado do Paraná.

CIDADE	Freq Apl/Total	%	P.R.
Londrina	42/45	93	0.65
Irati	83/89	93	0.61
Curitiba	126/142	89	0.56
Pato Branco	50/77	65	0.22
Total	301/353	85	

A partir da tabela percebemos que somente os informantes de Pato Branco desfavorecem o uso de *bom* (0,22) favorecendo o uso de *bem*. Contudo, o favorecimento de *bem* nesta cidade deve estar relacionado a dois informantes (PB 21 = 15 e PB 24 = 9) que concentram o uso exclusivo de *bem* e apresentam um número elevado de ocorrências deste item (cf. anexo 1). Os informantes das demais cidades recorrem ao uso de *bom* Londrina (0,65), Irati (0,61) e Curitiba (0,56). Portanto, devemos relativizar o resultado verificado em Pato Branco, pois provavelmente não se trata de uma tendência na cidade, mas na fala de alguns indivíduos apenas.

Tabela 6: Influência da cidade sobre o uso de *Bom* em oposição a *Bem* no estado do Rio Grande do Sul.

CIDADE	Freq Apl/Total	%	P.R.
Porto Alegre	65/68	96	0,70
Flores da Cunha	105/111	95	0,58
Panamby	52/59	88	0,36
São Borja	27/40	67	0,18
Total	249/278	90	

Neste estado, em relação à distribuição dos marcadores cada cidade tem sua participação, Flores da Cunha (40%), Porto Alegre (25%), Panambi (21%) e São Borja (14%), numa leitura vertical da tabela. Quanto à probabilidade de uso de determinada palavra, em duas cidades há uma tendência para a utilização da palavra *bom*, Porto Alegre (0,70) e Flores da Cunha (0,58); em outras duas para o desfavorecimento do *bom*, Panambi (0,36) e São Borja (0,18). Portanto, devemos relativizar o resultado verificado em São

⁵⁰ Como para o estado de Santa Catarina a variável *cidades* não foi significativa, o resultado percentual pode ser observado na tabela número 4.

Borja, pois não se trata de uma tendência na cidade, mas na fala de um informante (SB 17) (cf. anexo 3).

2.1.3 Escolaridade

2.1.3.1 Caracterização e hipóteses

Em nossa pesquisa analisamos os três níveis de escolaridade, nos quais os informantes estão distribuídos no *corpus* em análise em: primário, ginásial e colegial⁵¹.

Macedo & Silva (1996:40), ao analisarem os marcadores iniciais *bom, olha e ah*, tinham como hipótese que o uso dos marcadores diminuiria com o aumento da escolaridade, porém isto não ocorreu em seus dados, já que os marcadores *bom, olha e ah* não manifestaram diferenças neste sentido. Valle (2001), ao estudar os RADS, constatou que os itens mais marcados (*entende?* e *sabe?*) são mais empregados por falantes mais escolarizados e *não tem?*, menos marcado, predomina entre os falantes menos escolarizados.

Já na pesquisa sobre os marcadores *olha e veja*, Rost (2002) pode confirmar esta hipótese que vem sendo testada por vários autores: quanto menos escolarizado o indivíduo, mais uso de marcadores na sua fala⁵².

Como essas autoras, esperamos que os itens sejam mais usados entre as pessoas com menor grau de escolaridade. Não temos nenhuma expectativa em relação à influência da escolaridade sobre a escolha de uma das variantes em estudo.

2.1.3.2 Resultados

Esta variável foi a quarta selecionada como relevante na rodada geral. Já na rodada específica para os estados foi a primeira selecionada como significativa para o

⁵¹ Primário: pessoas que tenham freqüentado a escola de 4 a 5 anos. Ginásial: pessoas que tenham freqüentado a escola de 8 a 9 anos. Colegial: pessoas que tenham freqüentado a escola de 10 a 11 anos.

⁵² Colegial < Ginásial < Primário.

estado do Rio Grande do Sul, porém não foi considerada significativa para os demais estados.

A seguir apresentamos a tabela com resultados gerais:

Tabela 7: Influência da escolaridade sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* na região sul.

ESCOLARIDADE	Freq Apl/Total	%	P.R.
Ginasial	282/318	89	0,57
Colegial	308/350	88	0,51
Primário	164/204	80	0,38
Total	754/872	86	

Constatamos a partir dos resultados, em termos de frequência, que nossa hipótese para essa variável não é confirmada, pois quanto maior o nível de escolarização do informante mais uso de marcadores: colegial (350 em 874 = 40%), ginásial (36%) e primário (23%). Em relação à probabilidade de escolha dos itens, os informantes de nível primário apresentam uma tendência ao uso de *bem* e inibem o uso de *bom* (0,38), já os de nível ginásial (0,57) e colegial (0,51) favorecem levemente o uso de *bom* e inibem o uso de *bem*.

Para o estado do Rio Grande do Sul, os resultados do uso da variável são semelhantes aos da rodada geral, colegial (39%), ginásial (37%) e primário (23%), conforme observamos na tabela abaixo:

Tabela 8: Influência da escolaridade sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* no estado do Rio Grande do Sul.

ESCOLARIDADE	Freq Apl/Total	%	P.R.
Ginasial	100/103	97	0,73
Colegial	102/111	92	0,48
Primário	47/64	73	0,19
Total	249/278	90	

Verificamos que os falantes com escolaridade primária continuam inibindo o uso de *bom* (0,19).

A tabela a seguir apresenta os resultados de frequência extraídos das rodadas de Santa Catarina e Paraná.

Tabela 9: Distribuição da palavra *Bom* em relação à escolaridade nos estados de Santa Catarina e Paraná.

ESCOLARIDADE	Santa Catarina		Paraná	
	<i>Bom</i>		<i>Bom</i>	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Ginasial	68/76	89	122/135	90
Colegial	86/105	82	112/137	82
Primário	53/60	88	67/81	83
Total	207/241	86	301/353	85

Os resultados de Santa Catarina constatarem uma igualdade com os resultados da rodada geral e do Rio Grande do Sul, em que os informantes aumentam o uso de marcadores conforme aumentam o nível de escolaridade: primário (25%), ginásial (31%) e colegial (105 em 241 = 44%) – leitura vertical da tabela.

Verificamos para a variável escolaridade no estado do Paraná, uma utilização maior dos marcadores nos níveis mais altos: ginásial (135 em 353 = 39%), colegial (38%), em oposição a primário (23%).

2.1.4 Sexo

2.1.4.1 Caracterização e hipóteses

Paiva (1992:70), quanto ao fator sexo, ressalta diversos estudos⁵³ realizados que constatarem que este fator é significativo nos processos de variação e mudança. Por um lado, alguns trabalhos apontaram as mulheres como inovadoras, outros concluíram pela liderança masculina das inovações lingüísticas. Para poder definir com maior precisão o papel da variável sexo nos processos de mudança, a autora reconhece que os fenômenos de mudança lingüística seguem duas direções: mudanças em direção a uma forma prestigiada e mudanças em direção a uma forma não prestigiada. Sendo assim, as mulheres tendem a liderar a mudança quando a nova forma é considerada de prestígio, caso contrário, os homens tomam a ponta do processo de mudança.

⁵³ Um deles é o estudo sobre o fenômeno da consoante /d/ em final de sílaba no inglês de Detroit realizado por Wofran (1969). A pronúncia de /d/, considerada a forma de prestígio, é mais utilizada entre mulheres. Os homens demonstraram maior tendência à supressão desta consoante.

Em estudo sobre os marcadores discursivos *bom*, *ah*, *olha*, Macedo e Silva (1996:15), ao analisarem a variável sexo, tinham como hipótese que as mulheres usariam mais rodeios para falar do que os homens, pois estas, ao se sentirem inseguras no momento da fala, buscariam amenizar seu discurso apoiando-se no maior emprego de MDs em geral.

No trabalho destas autoras (*op cit.*: 40), a variável sexo se mostrou relevante, sendo as mulheres as que mais empregaram os marcadores (*bom*, *ah*, *olha*). Já na análise de outros MDs, as autoras constataram um uso equilibrado no emprego destes por homens e mulheres.

Valle (2001:150) constatou que não há diferenças entre os sexos no que se refere ao uso dos marcadores (*sabe?*, *não tem?* e *entende?*) em geral. No entanto, ao analisá-los individualmente verificou que *sabe?* é mais usado pelas mulheres (72%), enquanto *não tem?* e *entende?* são mais usados pelos homens (67% e 63%, respectivamente).

Rost (2002:120), ao investigar os itens *olha* e *veja*, constatou que em termos de frequência, as mulheres fazem mais uso dos marcadores (54%) do que os homens. Quanto à escolha das variantes (*olha* e *veja*), em termos de probabilidades, as mulheres tendem ao emprego de *olha* (0,62) e desfavorecem o uso de *veja*. Em oposição, os homens preferem o uso de *veja* e inibem o emprego de *olha* (0,36).

Acreditamos, com base nas pesquisas citadas, que as mulheres empregarão mais os marcadores em suas falas do que os homens.

2.1.4.2 Resultados

A variável sexo não foi considerada significativa na rodada geral, todavia, na rodada específica por estado foi o segundo grupo de fatores selecionado para o estado do Paraná.

Observemos a tabela abaixo que mostra a distribuição dos resultados em termos gerais:

Tabela 10: Distribuição da palavra *Bom* em relação ao sexo na região sul.

SEXO	<i>Bom</i>	
	Apl/Total	%
Feminino	364/414	88
Masculino	390/458	85
Total	754/872	86

Em termos de frequência, os resultados mostram que os homens fazem um pouco mais uso dos marcadores (458 em 872= 53%) do que as mulheres (414 em 872= 47%), sendo assim, nossa hipótese não se confirmou. Como mencionamos acima, em termos de frequência, são as mulheres que fazem mais uso dos itens *olha* e *veja* (54%).

Vejamos, agora, a tabela dos resultados do estado do Paraná:

Tabela 11: Influência do sexo sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* no estado do Paraná.

SEXO	Freq Apl/Total	%	P.R.
Feminino	160/171	94	0.65
Masculino	141/182	77	0.36
Total	301/353	85	

Em relação à frequência geral nossa hipótese não é contemplada, pois os resultados revelam que os homens estão usando um pouco mais os marcadores em geral (182 em 353 = 52%). Em relação à escolha das variantes, em termos de probabilidades, os homens tendem ao uso de *bem* e inibem o emprego de *bom* (0,36) e as mulheres tendem ao uso de *bom* (0,65) e desfavorecem o uso de *bem*.

Porém, o fato dos homens apresentarem um uso maior de ocorrências no estado do Paraná talvez está relacionado a sete informantes (CTB02 = 08, CTB13 = 14, CTB15 = 12, CTB17 = 10, PB20 = 13, PB21 = 15 e PB24 = 09), os quais apresentam um número elevado de ocorrências das variantes (cf. anexo 1). Já o favorecimento no uso de *bem* pelos homens neste estado pode dever-se aos informantes (PB21 = 15 e PB24 = 09), conforme mencionamos nos resultados referente ao grupo de fatores cidade.

2.1.5 Informantes

2.1.5.1 Caracterização e hipóteses

As pesquisas realizadas com dados do *corpus* VARSUL têm revelado que os indivíduos são fiéis no uso de uma ou outra forma. Dal Mago (2001) observou que os falantes optam ou pelo uso de *quer dizer* ou *vamos dizer*. Valle (2001) verificou que quando o falante utiliza muito *sabe?* não utiliza muito *não tem?* e *entende?*. Em Rost

(2002), os informantes, também, optam entre o uso de *olha* ou *veja*. Acreditamos que o mesmo ocorra com os itens *bom* e *bem*.

A nossa amostra foi constituída de 288 informantes de duas faixas etárias (24 a 49 anos e mais de 50 anos). Tivemos um total de 76 informantes que não produziram os itens lingüísticos analisados, assim distribuídos: 23 do Paraná, 30 de Santa Catarina e 23 do Rio Grande do Sul.

2.1.5.2 Resultados

Observemos a distribuição, na tabela a seguir, da quantidade de informantes que realizaram o uso exclusivo de *bom*, de *bem* e dos que realizaram *bom* ou *bem* por estado⁵⁴:

Tabela 12: Distribuição dos informantes, por estado, quanto à escolha de *Bom*, *Bem* e *Bom/Bem*.

	<i>Bom</i>		<i>Bem</i>		<i>Bom/Bem</i>		Total
PARANÁ	56	77%	06	8%	11	15%	73
S. CATARINA	50	76%	05	7%	11	17%	66
R.G SUL	58	81%	06	8%	08	11%	72

No Paraná, percebemos que 56 (77%) dos 73 informantes que produziram dados concentram suas ocorrências na escolha do item *bom*, 11 (15%) dos falantes optam pelo uso das duas formas, sendo que 6 (55%) destes falantes, quando alternam no uso de um ou outro item, optam mais pelo uso de *bom* (cf. anexo 1); e somente 6 (8%) dos informantes apresentam o uso exclusivo de *bem*. Como vemos, apenas 15% dos paranaenses da amostra fazem uso da regra variável.

Em Santa Catarina, verificamos que 50 (76%) dos 66 informantes optam pelo uso de *bom*, enquanto que 5 (7%) dos informantes fazem o uso de *bem*; a regra variável fica por conta de 11 (17%) dos catarinenses estudados.

No Rio Grande do Sul, observamos o uso variável dos itens em 8 (11%) dos 72 informantes, já 58 (81%) dos falantes fazem o uso categórico de *bom* e 6 (8%) optam por utilizar o *bem*.

⁵⁴ A distribuição dos informantes individualmente estão em anexo 1, 2 e 3.

Assim, em relação aos informantes, a nossa hipótese se confirma, pois somente 14% dos informantes fazem uso variável das formas *bom* e *bem*, sendo que 86% dos informantes optam pelo uso categórico de uma ou outra forma: 78% utilizam apenas o item *bom* e 8% usam somente *bem*. *A variação é produtiva na comunidade, mas não nos indivíduos.*

2.2 Os fatores lingüísticos

Nesta seção, apresentamos a análise a respeito da influência das variáveis lingüísticas na escolha das variantes *bom* e *bem*. Dentre as variáveis lingüísticas controladas, o programa estatístico VARBRUL selecionou, somente, o grupo de fatores *função* como relevante, sendo que, na rodada geral, foi o terceiro grupo selecionado significativo e, nas rodadas individuais por estado, também foi o terceiro grupo considerado significativo no estado do Paraná. Para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul o programa não considerou as variáveis lingüísticas significativas na escolha das palavras *bom* e *bem*. Porém, apresentamos os resultados dos demais grupos de fatores, a partir dos resultados de frequências e percentuais. O quadro a seguir mostra, resumidamente, os grupos de fatores controlados.

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	
1) Macrofunção	- interacional - textual
2) Função	- avaliativa - especificadora - questionadora - atenuadora - planejamento verbal - prefaciadora - retórica - diretiva - enumerativa - seqüenciadora - finalizadora - retomadora
3) Seqüência discursiva	- argumentação - narração - descrição - citação - factual
4) Coocorrência	- <i>Bom</i> ou <i>Bem</i> + conector - <i>Bom</i> ou <i>Bem</i> + MDs - <i>Bom</i> ou <i>Bem</i> + elementos reforçadores (ERs) - <i>Bom</i> ou <i>Bem</i> + MDs + ERs - sem coocorrência
5) Posição	- abertura de turnos de respostas - intraturno - abertura de turnos sem pergunta - abertura de fala citada

Quadro 6: Distribuição das variáveis lingüísticas controladas na escolha de *Bom* e *Bem*.

2.2.1 Macrofunção e função

2.2.1.1 Caracterização e hipóteses

Como a macrofunção e a função foram descritas no capítulo anterior, passamos aos resultados. Nossa expectativa é de que a macrofunção articuladora textual bem como suas funções (*retórica, especificadora, diretiva, enumerativa, seqüenciadora, finalizadora e retomadora*) sejam mais recorrentes para os itens em estudo, uma vez que os itens

apresentam a propriedade comum *de chamada de atenção para a informação*, o que confere a eles, conforme Rizzo (1999), um compromisso maior com a “estrutura ideacional”.

2.2.1.2 Resultados

Na rodada geral, a variável função discursiva foi a terceira selecionada como significativa⁵⁵. Nas rodadas por estado, a variável função apresentou relevância no estado do Paraná, sendo o terceiro grupo selecionado como relevante⁵⁶. Nos demais estados, essa variável não se mostrou significativa. Observamos os resultados gerais na tabela abaixo:

Tabela 13: Influência das funções sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* na região sul.

FUNÇÕES	Freq Apl/Total	%	P.R.
Retórica (textual)	18/19	95	0,81
Atenuadora (interacional)	46/48	96	0,78
Prefaciadora (interacional)	120/128	94	0,69
Avaliativa (interacional)	21/22	95	0,67
Retomadora (textual)	34/39	87	0,51
Planejamento verbal (interacional)	16/19	84	0,49
Questionadora (interacional)	52/60	87	0,46
Finalizadora (textual)	95/111	86	0,43
Diretiva (textual)	291/344	85	0,41
Seqüenciadora (textual)	61/82	74	0,35
Total	754/872	86	

Em termos de probabilidade, a ordem de relevância quanto à escolha de *bom* é: função retórica (0,81), atenuadora (0,78), prefaciadora (0,69) e avaliativa (0,67). Já as funções finalizadora (0,43), diretiva (0,41) e seqüenciadora (0,35) favorecem o uso de *bem*.

⁵⁵ Conforme descrito na seção 1 deste capítulo, precisamos fazer algumas amalgamações para que outros grupos de fatores pudessem apresentar relevância no uso da variante. Assim, no grupo de fatores função amalgamamos as funções enumerativa e especificadora à função diretiva.

⁵⁶ No grupo de fatores função, na primeira rodada com os dados deste estado, houve nocautes na função especificadora, retórica e planejamento verbal. Para as funções planejamento verbal e retórica usamos o recurso “não se aplica”. Já a função especificadora amalgamamos à função diretiva. Feito esses procedimentos metodológicos, conseguimos fazer a rodada do estado do Paraná.

Por outro lado, os resultados apresentados das funções retomadora (0,51), planejamento verbal (0,49) e questionadora (0,46) revelam uma inclinação à neutralidade.

Em uma segunda rodada geral, resolvemos amalgamar as funções às macrofunções específicas: *articuladora textual* e *articuladora interacional*. Observemos os resultados em termos de frequência, visto que este grupo de fatores não apresentou significância.

Tabela 14: Distribuição da palavra *Bom* em relação às macrofunções.

MACROFUNÇÕES	<i>Bom</i>	
	Apl/Total	%
Articuladora textual	459/595	84
Articuladora interacional	255/277	92
Total	754/872	86

Na rodada geral, em termos de frequência, a variável função confirma nossa hipótese de que funções recobertas pela macrofunção articuladora textual são as de maior ocorrência (595 em 872 = 68%). Nessa macrofunção há predomínio das funções diretiva, finalizadora, seqüenciadora, retomadora e retórica (cf. tabela 15). Por outro lado, a macrofunção articuladora interacional tem apenas 32 % das ocorrências. Vejamos o comportamento individualmente, na tabela abaixo, das funções no estado do Paraná:

Tabela 15: Influência das funções sobre o uso da variante *Bom* em oposição a *Bem* no estado do Paraná.

FUNÇÕES	Freq Apl/Total	%	P.R.
Prefaciadora (interacional)	58/59	98	0,89
Atenuadora (interacional)	26/27	96	0,69
Avaliativa (interacional)	12/13	92	0,47
Diretiva (textual)	109/128	85	0,45
Questionadora (interacional)	19/22	86	0,36
Retomadora (textual)	09/12	75	0,34
Enumerativa (textual)	05/06	83	0,33
Seqüenciadora (textual)	17/26	65	0,22
Finalizadora (textual)	32/46	70	0,20
Total	287/339	85	

Em ordem de relevância quanto à escolha de *bom* temos as funções prefaciadora (0,89) e atenuadora (0,69), ambas inseridas dentro da macrofunção articuladora interacional; ao contrário, as que favorecem o uso de *bem* se classificam na macrofunção articuladora textual: enumerativa (0, 33), retomadora (0,34), seqüenciadora (0,22) e finalizadora (0,20).

Como feito na rodada geral da região sul, também amalgamamos as funções às macrofunções específicas. Nesta rodada feita para verificarmos o comportamento das variantes em relação às macrofunções, observamos alteração na ordem dos grupos de fatores considerados significativos na primeira rodada geral do estado do Paraná. Porém, o grupo de fatores *sexo*, que na primeira rodada geral do estado do Paraná tinha sido o segundo selecionado como significante, após esta rodada, passou a primeiro grupo relevante na escolha da variante, sendo as macrofunções selecionadas como o segundo grupo de fatores significativos. Dada essas considerações, vejamos a tabela com os resultados:

Tabela 16: Influência das macrofunções no uso de *Bom* e *Bem* no estado do Paraná.

MACROFUNÇÕES	<i>Bom</i>		P.R.
	Apl/Total	%	
Articuladora interacional	178 /224	79	0,75
Articuladora textual	123/129	95	0,36
Total	301/353	85	

A macrofunção interativa (0,75) é forte condicionadora da variante *bom* neste estado. Já a macrofunção textual (0,36) é forte inibidora desta variante.

Porém, diferentemente, da rodada geral, as funções textuais aparecem com menor frequência, sendo as funções interacionais as mais representativas (224 em 353 = 63%), no estado do Paraná.

2.2.2 Tipo de seqüência discursiva

2.2..2.1 Caracterização e hipóteses

Macedo e Silva (1996:14) ressaltam que a entrevista é um grande gênero discursivo, mas que pode abarcar trechos argumentativos, narrativos, descritivos, receitas, etc. Nas entrevistas de onde extraímos os nossos dados, observamos a recorrência de *bom* e *bem* iniciando turno ou dando seqüência a turnos em que os tipos de seqüência discursiva apresentam-se mesclados. Em muitos trechos houve dificuldades em delimitar os gêneros, mesmo assim, controlamos esta variável dividindo-a em cinco fatores: *argumentação*, *narração*, *descrição*, *citação* e *factual*, considerando os trechos mais representativos do tipo de seqüência que prevalece no contexto circundante ao dado em análise.

Vejam os exemplos de cada tipo de seqüência discursiva com os respectivos exemplos retirados de nosso *corpus*.

Argumentação: é o trecho em que o informante fundamenta suas opiniões ou leva o ouvinte a dar sua adesão às teses defendidas acerca de um determinado tema.

(45) E: *E a senhora acha que elas <de>- <se> deviam ser mais de uma língua estrangeira na escola?

F: ***Bom**, nesse aspecto eu acho que não há tanta necessidade, isso é uma coisa mais, não é de tanta impotência. *O necessário é a língua do país, aquela que o povo todo fala, esta que deve ser mais bem preparada, mais estudada, mais cuidada para que o povo possa falar bem, se comunicar bem, usar a sua língua como deve. (IR, 11)

Narração: é o relato verbal de um fato ou de uma história que, vão ocorrendo com as pessoas e as coisas através do tempo.

(46) E: *E ainda falando do tempo lá, né? *Como é que Era a escola que a senhora estudava? *Onde que a senhora estudou?

F: ***Bom**, a primeira escola, eu estudei numa fazenda. No Patrimônio da Selva, na fazenda mesmo que a gente morava tinha uma escola né? *E depois, eu vim, passei estudar aqui em Londrina, né? (LD, 01)

Descrição: é o tipo de seqüência discursiva em que se relatam as características de uma pessoa, de um objeto ou de uma situação qualquer, inscritos num certo momento.

(47) E: *E daí como e que era a Páscoa?

F: *Ih! A Páscoa era bem, era feito bastante coisa em casa. *Daí nóos tínhamos, né? Nóos plantávamos, plantava bastante amendoim.

E: *E o que mais que vocês plantavam?

F: **Bem**, pois era aprontava a terra, carpido bem carpidinho, tirava aquele cisco, ciscava bem, rastelava bem rastelado depois fazia as covinhas na terra e ia plantando. (LJ, 05)

Citação: é o trecho em que o falante introduz sua própria a fala ou a fala produzida por um terceiro interlocutor que está fora da interação comunicativa, para representar uma outra situação de conversa já transcorrida ou simulada.

(48) F: “Tem telefone pra ti aí?” E eu tomei banho e vem né? Quando eu fui ligar daí o outro motorista pulou na frente e ligou, daí, quando ele foi passar pra mim o telefone caiu a ligação, daí eu peguei o telefone pra ligar daí ele disse: “Só que é o seguinte, te prepara que não tem notícia muito boa pra ti”. *[Daí eu disse]- (hes) daí eu deixei (“ele”)-0 “Tu queres ir telefonar mesmo”. *Daí eu disse: “**Bom**, o que aconteceu?” “**Bom**, aconteceu um negócio meio grave com a tua mãe infelizmente tua mãe faleceu”. (BLU,04)

Factual: é o trecho em que o falante ressalta informações de seu cotidiano, como grau de instrução, sua área profissional, suas preferências, etc.

(49) E: *Que tipo de programa assim tu preferes?

F:**Bom**, o que a gente assiste é o Jornal Nacional, que é o principal, né? Que durante o dia a gente não está aí e de noite tem as novelas, tem algumas entrevistas que dão, né? (PN,11)

Na pesquisa de Macedo e Silva (1996) sobre os MDs iniciadores *ah*, *bom* e *olha*, as autoras constataram que estes são mais freqüentes nas citações e em diálogos. Já, Risso (1999) verificou que os itens *bom*, *bem*, *olha* e *ah* atuam com maior freqüência em contextos de ordem argumentativa.

Nossa expectativa para os itens em análise é de que ocorram, em maior freqüência, em contextos narrativos, visto que os dados foram retirados de um *corpus* constituído por entrevistas, em que o entrevistador ao coletar os dados instiga o informante a contar algo sobre sua vida ou de sua família, o que o leva predominantemente a narrar fatos de seu cotidiano.

2.2.2.2 Resultados

A variável *tipo seqüência discursiva* não foi selecionada significativa nem para a rodada geral nem para a rodada em que foram tomados os estados separadamente. Vejamos a tabela de distribuição dos itens em termos gerais, quanto à seqüência discursiva:

Tabela 17: Distribuição da palavra *Bom* em relação à seqüência discursiva na região sul.

TIPO DE SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	Bom	
	Apl/Total	%
Narração	545/636	86
Argumentação	130/145	90
Factual	32/34	94
Citação	21/26	81
Descrição	26/31	84
Total	754/872	86

Em termos de freqüência, de modo geral, a nossa hipótese se confirma, pois os contextos narrativos são os mais favorecedores ao uso das variantes (636 em 872= 73%), seguidos de contextos argumentativos (130 em 872= 17%). As seqüências menos produtivas quanto o uso de *bom* e *bem* são: factual (4%), citação e descrição com (3%) das ocorrências. Esses resultados são calculados a partir de uma leitura vertical da tabela.

Feita a análise por estado, obtemos resultados semelhantes ao da rodada geral. Vejamos os resultados apresentados na tabela:

Tabela 18: Distribuição da palavra *Bom* em relação à seqüência discursiva por estado.

TIPO DE SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	Paraná <i>Bom</i>		Santa Catarina <i>Bom</i>		Rio Grande do Sul <i>Bom</i>	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Narração	180/216	83	163/192	85	203/225	90
Argumentação	88/98	90	30/32	94	16/19	84
Factual	20/21	95	05/06	83		
Citação	06/09	67	04/05	80	16/17	94
Descrição	07/09	78	05/06	83	14/17	82
Total	301/353	85	207/241	86	249/278	90

Em todos os estados as palavras *bom* e *bem* são usados com maior freqüência nos contextos narrativos e argumentativos. Como dissemos anteriormente, esses resultados, talvez, devam-se à predominância de narrativas no *corpus* do qual extraímos nossos dados.

2.2.3 Coocorrência

2.2.3.1 Caracterização e Hipóteses

1. **Bom ou Bem + conector**: as palavras *bom* e *bem* aparecem em muitos contextos ligados a elementos de função sequenciadora (mas, aí, e), ao nosso ver favorecedores da função sequenciadora assumida pelas palavras *bom* e *bem*.

(50) E: *Mas ainda sobra dinheiro.

F: [Ainda] ainda sobra <dinh>. **Bom**, aí eu ia dar um pouco pra cada filho, né? Eles iam fazer o que eles quisessem. Ainda sobra dinheiro? Por isso que eu te digo, muito dinheiro faz mal pra pessoa que ganha. Aí, eu inventava qualquer moda aí. **Bom**, aí, está depois que eu fizesse tudo isso, eu ia conhecer o Brasil. (POA, 19)

2. **Bom ou Bem + MDs**: ao analisarmos nossos dados, verificamos uma grande frequência de outros marcadores (né?, sabe?, viu?,) localizados na passagem transcrita da fala do informante, no final dos enunciados encabeçados pelas palavras em análise, reforçando a interação entre os interlocutores.

(51) E: *O André e a Andréia.

F: *Estudam aqui. *E já eu, eu comecei a fazer segundo grau lá no Boiteux. *Na época- ***Bom**, né? Comecei a ficar com preguiça, aquele negócio todo, abandonei. (FLP, 14)

3. **Bom ou Bem + elementos reforçadores** (lá, aqui,): também, observamos outros elementos conjugados as palavras, realçando a idéia exposta pelo falante.

(52) E: *E as empresas, que empresas [que]- que existiam aqui, que você se lembre?

F: ***Bom**, aqui, inclusive aqui perto de casa Existia o Móveis Cimo, que era uma fábrica (..) (CTB, 17)

4. **Bom ou Bem + MDs + elementos reforçadores**: há casos que ocorre a presença de MDs e elementos reforçadores.

(53) (...) porque daí eu não me lembrava, né? e eu esqueço que está louco. Aí, **bom**, perdi alguma noite de sono pensando, sabe? Aí ele estava daí fui ainda com duas amigas. (PB, 05)

5. Sem coocorrência

(54) E: *E quanto tempo faz que você mora aqui nesse bairro?

F: ***Bom**, [é]- a gente mudou pra cá antes de eu casar [em]- em oitenta e três a gente mudou pra cá. (LD, 06)

Rost (1999:109), em sua pesquisa sobre os marcadores *olha* e *veja*, considerou na variável coocorrência os seguintes fatores: conector + *olha* ou *veja*, *olha* ou *veja* + MDs, *olha* ou *veja* + elementos reforçadores e sem coocorrência. A sua expectativa geral era de que os MDs, *olha* e *veja*, se manifestassem “menos rodeados de elementos circundantes”. A autora confirmou sua hipótese, uma vez que as variantes apareceram em 54% dos contextos sem coocorrência. Acreditamos também que as palavras *bom* e *bem* ocorram com mais frequência em contextos sem coocorrência.

2.2.3.2 Resultados

A variável coocorrência, tanto na rodada geral como na rodada específica por estado, não se mostrou relevante na escolha do uso de *bom* e de *bem*. Vejamos os resultados de distribuição da rodada geral:

Tabela 19: Distribuição da palavra *Bom* em relação a coocorrência na região sul.

COOCORRÊNCIA	Bom	
	Apl/ Total	%
Bom ou Bem + Ers	36/41	88
Sem coocorrência	357/411	87
Bom ou Bem + MDs	319/363	88
Bom ou Bem + MDs + Ers	29/36	81
Bom ou Bem + conector	13/21	62
Total	754/872	86

Quanto à variável coocorrência, nossa expectativa se confirma, visto que 47% (411 em 872 = 47%) das variantes aparecem sem coocorrência, embora a diferença seja pequena em relação às ocorrências que aparecem acompanhadas de outros MDs. Também *olha* e *veja* aparecem mais em contextos sem coocorrência (54%) (cf. Rost, *op cit.*)

Observemos na tabela seguinte a distribuição da variante *bom* por estado:

Tabela 20: Distribuição da palavra *Bom* em relação a coocorrência por estado .

COOCORRÊNCIA	Paraná <i>Bom</i>		Santa Catarina <i>Bom</i>		Rio Grande do Sul <i>Bom</i>	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Bom ou Bem + Ers	12/16	75	-	-	15/16	94
Sem coocorrência	115/136	85	116/134	87	128/141	91
Bom ou Bem + MDs	163/184	89	85/99	86	88/97	91
Bom ou Bem + MDs + Ers	07/09	78	-	-	15/20	75
Bom ou Bem + conector	04/08	50	06/08	75	03/04	75
Total	301/353	85	207/241	86	249/278	90

Verificamos que os resultados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul apresentam a mesma distribuição vista na rodada geral. Em primeiro lugar, com 56% (134 em 241 = 56%) e 51% respectivamente, temos as variantes sendo utilizadas em contextos sem coocorrência e, em segundo lugar, com 41% e 35%, aparecem os contextos em que os itens estão acompanhados por outros marcadores. Já no estado do Paraná ocorre a inversão, 52% das ocorrências estão acompanhadas de outros MDs e 38% não apresentam coocorrências.

2.2.4 Posição

2.2.4.1 Caracterização e hipóteses

Os estudos realizados sobre os MDs revelam que eles são elementos independentes sintaticamente do verbo e vazios de conteúdo semântico, podendo ser compostos por um ou mais item lexical, ou mesmo por expressões não lexicais, funcionando na interação e na organização do texto, distribuídos no início, no meio ou final da unidade discursiva (cf. Castilho, 1989, entre outros). Em Risso (1999:262), a posição ocupada pelos MDs *bom*, *bem*, *olha* e *ah* se resume em inicial ou intermediária.

Em nossa amostra percebemos a recorrência dos itens lingüísticos *bom* e *bem* atuando como MDs ocupando variadas posições no discurso, tais como:

1. **Abertura de turnos de respostas:** o informante responde de imediato a pergunta feita pelo entrevistador.

(55) E: *E na escola como é que era assim- (hes) *Como é que era assim?

F: *Bom, a escola, eu estudei no coleginho São José, hoje é onde é0 [o]- [o <e->]- o edifício ali do0 Shopping Center (inint) era o coleginho São José. (LJ,16)

2. **Intraturno:** o informante está de posse do turno e abre um novo aspecto na informação já desencadeada.

(56) E: *E antes do CEFET?

F: * Antes do CEFET [ele] ele trabalhava aqui na Prefeitura. Daí fi pro Grêmio em Pato Branco num clube, a FESPATO. **Bom**, o ano passado trabalhava no Grêmio, na FESPATO e dava aulas em quatro colégios. (PB, 05)

3. **Abertura de turno sem pergunta:** o falante inicia o turno sem o entrevistador lhe questionar algo.

(57) E: E a história da empresa ou da imigração.

F: Bem, eu posso te falar acho que da imigração, né? A história da imigração, eu tive oportunidade de falar em com um advogado que era direto, não recordo o nome, mas ele era diretor do instituto Vêneto. (FC,12)

4. **Abertura de fala citada:** o informante introduz a fala produzida por um terceiro interlocutor ou a sua própria para melhor representar uma outra situação de fala já transcorrida.

(58) (...) *Então veio o secretário, leu a ata, [a]- o relatório de lá, trabalho, né? depois eu fui falando assim com eles, daí ele veio: “**Bom**, a senhora não lembra de mim?” daí ele assim: “*Pois eu, fa0z (...) (IR, 07)

Marcuschi (1989) constatou, em sua pesquisa, que 80% dos turnos e UCs⁵⁷ iniciam com algum marcador verbal. As formas *ah*, *bom* e *olha* foram definidas, por Macedo e Silva (1996), como iniciadoras de tópicos, tanto no início de turnos como no interior do mesmo.

Risso (1999) conclui que é, predominantemente, inicial a posição ocupada pelos marcadores *bom*, *bem*, *olha* e *ah*. Rost (2002), em sua análise referente aos itens *olha* e

⁵⁷ A unidade comunicativa (UC) é, segundo Marcuschi (1989:288), a entidade que corresponde aproximadamente a enunciados conversacionais, podendo ou não coincidir com turnos, orações ou atos de fala.

veja, verificou que *olha* ocupa, preferencialmente, a posição inicial e *veja* a posição medial.

Com base nessas pesquisas, acreditamos que, de modo geral, os MDs *bom* e *bem* na amostra em análise introduzem e relacionam tópicos, predominando na posição de abertura de turnos de respostas.

2.2.4.2 Resultados

A variável posição também não foi selecionada pelo programa estatístico como relevante para as variantes sob análise⁵⁸. Apresentamos a seguir a tabela com resultados de distribuição das variantes extraídos da rodada geral:

Tabela 21: Distribuição da palavra *Bom* em relação à posição na região sul.

POSIÇÃO	Bom	
	Apl/Total	%
Abertura de turnos de respostas	320/365	88
Intraturno	331/384	86
Abertura de turnos sem pergunta	81/96	84
Abertura de fala citada	22/27	81
Total	754/872	86

Em termos de frequência, nossa hipótese não se confirma, uma vez que 44% (384 em 872 = 44%) das variantes ocorrem na posição intraturno, superando o número de ocorrências em posição de abertura de turnos de respostas (42%). Apenas 11% das variantes são utilizadas em abertura de turnos sem pergunta e 3% em abertura de fala citada.

Vejamos o comportamento da variante *bom* nas rodadas individuais por estado:

⁵⁸ Tanto na rodada que envolveu os três estados como nas rodadas individuais por estado.

Tabela 22: Distribuição do item *Bom* em relação à posição por estado.

POSICÃO	Paraná		Santa Catarina		Rio Grande do Sul	
	<i>Bom</i>		<i>Bom</i>		<i>Bom</i>	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Abertura de turnos de respostas	136/152	89	106/119	89	74/88	84
Intraturno	119/148	80	75/88	85	138/148	93
Abertura de turnos sem pergunta	40/44	91	21/28	75	21/25	84
Abertura de fala citada	06/09	67	05/06	83	16/17	94
Total	301/357	80	207/241	86	249/278	90

Tomados os estados individualmente, verificamos que o estado do Rio Grande do Sul apresenta a mesma tendência verificada nos resultados obtidos na rodada geral. As variantes ocorrem mais em contextos de intraturnos (148 em 278 = 53%). No estado de Santa Catarina, nossa hipótese se confirma, pois as variantes são utilizadas mais em contextos de abertura de turnos de respostas (119 em 241 = 49%). Já no estado do Paraná, observamos uma mesma distribuição nas posições de abertura de turnos de respostas (152 em 357 = 42%) e intraturnos (148 em 357 = 42%). As demais posições ocorrem na mesma ordem de frequência para os três estados; abertura de turnos sem pergunta e abertura de fala citada.

Esses resultados nos parecem bastante interessantes, uma vez que revelam um comportamento peculiar dessas variantes: a preferência por aparecer em posição intraturno, descaracterizando-se, portanto, a propriedade de *abertura de turno*, atribuída a esses itens por alguns autores. Por outro lado, essa posição intraturno correlaciona-se com a macrofunção articuladora textual, indicando que, provavelmente, *bom* e *bem* se encontrem num processo de gramaticalização na direção: função interpessoal > função textual. Perdendo, portanto, alguns traços de natureza pragmática para adquirirem traços textuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise empírica realizada permitiu-nos descrever o comportamento discursivo das palavras *bom* e *bem* na região sul do Brasil, bem como tomá-los como variantes de uma mesma variável lingüística, recortada a partir da propriedade *de chamada de atenção para a informação* no contexto discursivo.

Verificamos que *bom* e *bem*, na origem adjetivo e advérbio respectivamente, comportam-se, sincronicamente, também como MDs, atuando em duas macrofunções: uma *articuladora interacional* (mais voltada para relação falante-ouvinte), outra *articuladora textual* (mais voltada para a relação falante-texto). Essas macrofunções recobrem um continuum de funções, que caracterizam a multifuncionalidade dos itens em análise.

A análise estatística foi realizada considerando-se: a) o comportamento da *variável*, isto é, dos MDs em conjunto; e b) o comportamento das *variantes*, face o controle dos grupos de fatores condicionantes.

A partir de um resultado de freqüência de uso, constatamos que, de modo geral, as palavras *bom* e *bem*: a) atuam mais nas funções que estão no âmbito textual (68%) (à exceção do Paraná, onde os resultados da rodada por estado revelaram que as funções são mais recorrentes no âmbito interacional (63%)); b) posicionam-se intraturnos (44%), _ resultado que descaracteriza a propriedade de ‘abertura de turnos’ atribuída às palavras, por outros autores; c) encontram-se mais em seqüências narrativas (73%) o que possivelmente se deva ao perfil do Banco de Dados; d) apresentam-se na sua maioria isolados (à exceção de Paraná, onde as palavras aparecem mais em contextos acompanhados de outros MDs (52%)); e) aparecem com maior freqüência na cidade de Curitiba (16%) e com menor freqüência nas cidades de Londrina, Lajes e Florianópolis (5%), todavia a maior freqüência das palavras está no estado do Paraná (40%) e a menor freqüência das palavras está no estado de Santa Catarina(28%); f) mantêm uma freqüência um pouco maior entre os falantes do sexo masculino (53%); g) são mais usados por pessoas de mais idade (58%); h) os informantes com nível colegial (40%) e ginásial (36%) são os que mais usam os marcadores.

Quanto ao emprego das palavras especificamente, em relação aos grupos de fatores estatisticamente significativos, constatamos: a) quanto à idade, os mais novos

tendem a utilizar o *bom* e os mais velhos o *bem*; b) quanto às cidades o *bom* inclina-se a ser mais usado pelos informantes de Blumenau, Porto Alegre e Flores da Cunha, e o *bem* apresenta um maior uso na fala de informantes de Florianópolis, Chapecó, São Borja e Pato Branco; c) em relação à escolaridade *bom*, é levemente favorecido entre os informantes de nível ginásial e colegial e o *bem* entre os informantes de nível primário; d) acerca das funções, a palavra *bom* aparece mais em contextos de funções retórica, atenuadora, prefaciadora e avaliativa, enquanto que a palavra *bem* é favorecido nas funções finalizadora, diretiva e seqüenciadora. Na rodada específica dos estados, o estado do Paraná apresenta como favorecedoras ao uso de *bom* as funções prefaciadora e atenuadora, enquanto que as funções enumerativa, retomadora, seqüenciadora e finalizadora favorecem o uso de *bem*. Constatamos também que o grupo de fatores sexo, no estado do Paraná, foi selecionado como estatisticamente significativo e que os homens tendem ao uso de *bem* e as mulheres de *bom*. Como podemos verificar os fatores sociais foram os mais relevantes para o uso das formas analisadas.

Portanto, pode-se dizer que *bom* e *bem* encontram-se em variação na região sul, sendo que este processo está condicionado, prioritariamente, por fatores de natureza social: o uso das formas alternantes é sensível a: cidade/estado, idade, escolaridade e sexo (este no Paraná) dos informantes.

É importante destacar que a variação é produtiva na *comunidade* (região sul), mas não no *indivíduo*: dos 288 informantes pesquisados, 211 apresentaram a variável (*bom/bem*); desses 211, entretanto, apenas 30 informantes fizeram uso de ambas as formas variantes, o que vale dizer que 181 foram categóricos no emprego de uma ou outra forma.

Por outro lado, a identificação de diferentes funções a partir da caracterização dos contextos de uso das formas mostrou-se produtiva, pois esse grupo de fatores foi o único lingüístico estatisticamente relevante.

A partir desses resultados, apontamos alguns indícios de que *bom* e *bem* encontram-se num processo de mudança via gramaticalização, conforme mencionamos ao final do último capítulo. A preferência por aparecer em posição intraturno e a atuação em contextos que predomina a macrofunção articuladora textual indicam que as palavras parece estarem perdendo alguns traços de natureza pragmática para adquirirem traços mais textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M.M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. De Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral*. Trad. De Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed. Nacional/Edusp, 1976.
- CASTILHO, Ataliba T. de (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* – 31 ed – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- DAL MAGO, Diane. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado]
- DILLINGER, M. *Forma e Função na Lingüística*. D.E.L.T.A, v. 7, 1991, pp. 395-407.
- FARACO, Carlos Emilio & MOURA, Francisco Marto de. *Gramática* – 16 ed – São Paulo: Ática, 1996.
- GASPARINI, Madelaine. *Assim se fala, assim se escreve*. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado]
- GEBRUERS, R. S. C. Dik's Functional Grammar: A Pilgrimage to Prague? In: DIRVEN, R. & FRIED, V. (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, pp. 101-134.
- GIVÓN, Talmy. *English grammar: a functional based introduction*. Philadelphia: J. Benjamins, 1993, Vol I e II.
- _____. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973 (1973a).
- _____. Estrutura e Função da Linguagem. In: Lyons, John (orgs.) *Novos Horizontes em Lingüística*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic Working Paper*, 1978.
- _____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LAVANDERA, Beatriz. *Where does the sociolinguistic variable stop?* Language Society, Great Britain, Vol 7, 1978.
- _____. *Variación y Significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.
- MACEDO, Alzira Tavares de & SILVA, Giselle Machline de Oliveira. Análise Sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira Tavares et al. (org) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MACEDO, Alzira. Variação dos marcadores em primeira e em segunda línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs) *Análises Lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba T. de (org.), 1989.
- _____. *Análise da Conversação – 4 ed – São Paulo: Ática*, 1998.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião Josué & CEZÁRIO. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. Marcadores discursivos e operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, Mário E. & VOTRE, Sebastião (orgs.). *Trajetórias de gramatização e discursivização*. Rio de Janeiro, 1998.
- MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1965 [1912].
- MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução a Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1992, Col. Cadernos didáticos da UFRJ.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MOURA NEVES, Maria Helena. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- NICHOLS, Johanna. Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 43; 1984.
- OLIVEIRA, Gisele e Silva & SCHERRE, Maria Marta (orgs) *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- RISSO, Mercedes Sanfelice, SILVA, Giselle Machline de Oliveira & URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora UNICAMP/FAPESP, 1996. Vol. VI.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha e AH, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de M.(org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999, Vol. VII.
- ROST, Cláudia Andrea. *Olha e Veja: multifuncionalidade e variação*. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado]
- SACCONI, Luiz Antonio. *Gramática Essencial da Língua Portuguesa – 4 ed – São Paulo: Atual*, 1989.
- SCHEGLOFF, E. E. Sequencing in Conversational Openings. In: GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. (eds.) *Directions in Socio-Linguistics*. New York: Holt Rinehart & Einstein, 1972.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 1996.
- URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de M. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII
- _____. Marcadores conversacionais. In: PRETTI, D. (org) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações, 1997.
- TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de Aí, Daí, Então e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação de Mestrado.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2000.

- TRAUGOTT, Elizabeth C. & HEINE, Bernd (eds). *Approches to grammaticalization*. Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Stanford University, 1995.
- VALLE, Carla Regina Martins. *Sabe? Não tem? Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado]
- VANDRESEN, Paulino (org) *Variação e Mudança no português falado na região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002.
- VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião & LAFOREST, Marty. *Grammaticalization e post grammaticalization langues et linguistique*. Quebec: Universite Laval, 1993.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. Empirical foundations for theory of language change. In: W.P. LEHMANN and y MALKIEL (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, pp. 97-195.

Anexos

ANEXO 1

Atuação dos informantes do estado do Paraná na escolha de *Bom* e *Bem*.

Informante	Bom		Bem	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
CTB 01	01/02	50	½	50
CTB 02	08/08	100	0/08	0
CTB 03	03/04	75	01/04	25
CTB 04	11/11	100	0/11	0
CTB 05	05/05	100	0/05	0
CTB 07	0/03	0	03/03	100
CTB 08	02/02	100	0/02	0
CTB 09	07/07	100	0/07	0
CTB 10	01/02	50	01/02	50
CTB 11	03/04	75	01/04	25
CTB 12	09/09	100	0/09	0
CTB 13	14/16	88	02/16	12
CTB 14	02/02	100	0/02	0
CTB 15	12/12	100	0/12	0
CTB 16	09/09	100	0/09	0
CTB 17	10/10	100	0/10	0
CTB 18	06/06	100	0/07	0
CTB19	07/07	100	0/01	0
CTB 20	01/01	100	0/01	0
CTB 21	04/10	40	06/10	60
CTB 22	03/03	100	0/03	0
CTB 23	02/02	100	0/02	0
CTB 24	06/07	86	01/07	14
PB 02	0/01	0	01/01	100
PB 05	07/07	100	0/07	0
PB 06	08/08	100	0/08	0
PB 07	0/01	0	01/01	0
PB 08	01/01	100	0/01	0
PB 09	0/01	100	01/01	100
PB 10	03/03	100	0/03	0
PB 11	06/06	100	0/06	0
PB 14	03/03	100	0/03	0
PB 16	05/05	100	0/05	0
PB 19	01/01	100	0/01	0
PB 20	13/13	100	0/13	0
PB 21	0/15	0	15/15	100
PB 22	02/02	100	0/02	0
PB 23	01/01	100	0/01	0
PB 24	0/09	0	09/09	100
IR 02	08/08	100	0/08	0
IR 03	01/01	100	0/01	0
IR 04	03/03	100	0/03	0
IR 05	17/17	100	0/17	0
IR 06	04/04	100	0/04	0
IR 07	0/04	0	04/04	100
IR 09	01/01	100	0/01	0
IR 10	10/10	100	0/10	0
IR 11	01/01	100	0/01	0

IR 12	05/05	100	0/05	0
IR 14	04/04	100	0/04	0
IR 15	01/01	100	0/01	0
IR 16	07/07	100	0/07	0
IR 17	07/07	100	0/07	0
IR 18	01/01	100	0/01	0
IR 20	02/02	100	0/02	0
IR 22	04/04	100	0/04	0
IR 23	02/02	100	0/02	0
IR 24	05/07	71	07/02	29
LD 01	05/05	100	0/05	0
LD 02	01/02	50	01/02	50
LD 03	08/09	89	01/09	50
LD 04	05/05	100	0/05	0
LD 05	01/01	100	0/01	0
LD 06	05/05	100	0/05	0
LD 09	02/02	100	0/02	0
LD 11	01/01	100	0/01	0
LD 15	01/02	50	01/02	50
LD 16	01/01	100	0/01	0
LD 17	01/01	100	0/01	0
LD 19	06/06	100	0/06	0
LD 22	03/03	100	0/03	0
LD 23	01/01	100	0/01	0
LD 24	01/01	100	0/01	0
Total	301/353	85	52/353	15

ANEXO 2

Atuação dos informantes do estado de Santa Catarina na escolha de *Bom* e *Bem*.

Informante	Bom		Bem	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
FLP 01	02/03	66	01/03	34
FLP 02	04/04	100	0/04	0
FLP 03	03/03	100	0/03	0
FLP 05	05/05	100	0/05	0
FLP 07	01/01	100	0/01	0
FLP 09	02/02	100	0/02	0
FLP 10	01/01	100	0/01	0
FLP 11	02/02	100	0/02	0
FLP 14	02/02	100	0/02	0
FLP 19	03/03	100	0/03	0
FLP 21	08/08	100	0/08	0
FLP 22	0/01	0	01/01	100
FLP 23	01/06	16	05/06	84
FLP 24	01/03	34	02/03	66
BLU 01	01/01	100	0/01	0
BLU 04	04/04	100	0/04	0
BLU 05	02/02	100	0/02	0
BLU 06	01/01	100	0/01	0
BLU 08	14/16	88	02/16	12
BLU 09	04/04	100	0/04	0
BLU 10	02/02	100	0/02	0
BLU 14	01/01	100	0/01	0
BLU 15	10/10	100	0/10	0
BLU 17	01/01	100	0/01	0
BLU 18	01/01	100	0/01	0
BLU 19	06/06	100	0/06	0
BLU 20	06/06	100	0/06	0
BLU 21	13/13	100	0/13	0
BLU 22	01/01	100	0/01	0
BLU 23	03/03	100	0/03	0
BLU 24	05/05	100	0/05	0
CHP 01	01/01	100	0/01	0
CHP 02	02/02	100	0/02	0
CHP 03	01/01	100	0/01	0
CHP 04	01/02	50	01/02	50
CHP 06	02/02	100	0/02	0
CHP 07	04/04	100	0/04	0
CHP 08	02/02	100	0/02	0
CHP 10	02/02	100	0/02	0
CHP 11	08/08	100	0/08	0
CHP 12	01/01	100	0/01	0
CHP 13	02/02	100	0/02	0
CHP 14	06/07	85	01/07	15
CHP 15	04/04	100	0/04	0
CHP 16	06/12	50	06/12	50
CHP 18	02/02	100	0/02	0
CHP 19	09/09	100	0/09	0
CHP 20	06/07	85	01/07	15

CHP 21	02/04	50	02/04	50
CHP 22	02/02	100	0/02	0
CHP 23	0/01	0	01/01	100
CHP 24	03/06	50	03/06	50
LJ 02	0/01	0	01/01	100
LJ 03	06/06	100	0/06	0
LJ 05	0/01	0	01/01	100
LJ 08	0/01	0	01/01	100
LJ 09	02/02	100	0/02	0
LJ 10	02/03	66	01/03	34
LJ 12	01/01	100	0/01	0
LJ 15	01/01	100	0/01	0
LJ 16	07/07	100	0/07	0
LJ 19	03/03	100	0/03	0
LJ 20	01/01	100	0/01	0
LJ 21	04/04	100	0/04	0
LJ 23	07/07	100	0/07	0
LJ 24	02/02	100	0/02	0
Total	207/241	86	34/241	14

ANEXO 3

Atuação dos informantes do estado do Rio Grande do Sul na escolha de *Bom e Bem*.

Informantes	Bom		Bem	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
SB 01	01/01	100	0/01	0
SB 02	01/01	100	0/01	0
SB 03	01/01	100	0/01	0
SB 04	01/02	50	01/02	50
SB 05	08/08	100	0/08	0
SB 06	01/01	100	0/01	0
SB 08	01/01	100	0/01	0
SB 09	0/02	0	02/02	100
SB 11	07/07	100	0/07	0
SB 12	03/03	100	0/03	0
SB 14	01/01	100	0/01	0
SB 15	01/01	100	0/01	0
SB 16	01/02	50	01/02	50
SB 17	0/09	0	09/09	100
SB 19	0/02	0	02/02	100
SB 20	06/06	100	0/06	0
PN 01	05/05	100	0/05	0
PN 03	06/06	100	0/06	0
PN 04	0/03	0	03/03	100
PN 05	01/01	100	0/01	0
PN 07	01/01	100	0/01	0
PN 08	03/03	100	0/03	0
PN 09	09/09	100	0/09	0
PN 11	07/07	100	0/07	0
PN 12	02/02	100	0/02	0
PN 13	04/04	100	0/04	0
PN 14	04/04	100	0/04	0
PN 15	0/01	0	01/01	100
PN 17	02/03	66	01/03	34
PN 18	0/03	0	03/03	100
PN 19	01/01	100	0/01	0
PN 20	01/01	100	0/01	0
PN 22	03/03	100	0/03	0
PN 23	02/02	100	0/02	0
POA 01	03/03	100	0/03	0
POA 02	06/06	100	0/06	0
POA 04	01/02	50	01/02	50
POA 05	05/05	100	0/05	0
POA 07	07/07	100	0/07	0
POA 08	01/01	100	0/01	0
POA 09	02/02	100	0/02	0
POA 13	02/02	100	0/02	0
POA 15	03/03	100	0/03	0
POA 16	02/02	100	0/02	0
POA 18	02/02	100	0/02	0
POA 19	11/12	92	01/12	8
POA 20	06/06	100	0/06	0
POA 21	12/12	100	0/12	0

POA 22	02/02	100	0/02	0
POA 23	01/01	100	0/01	0
POA 24	01/01	100	0/01	0
FC 02	04/04	100	0/04	0
FC 03	04/04	100	0/04	0
FC 04	04/04	100	0/04	0
FC 05	08/08	100	0/08	0
FC 06	11/13	85	02/13	15
FC 07	03/03	100	0/03	0
FC 08	02/02	100	0/02	0
FC 10	09/09	100	0/09	0
FC 11	04/05	80	01/05	20
FC 12	15/16	94	01/16	6
FC 13	10/10	100	0/10	0
FC 14	01/01	100	0/01	0
FC 15	01/01	100	0/01	0
FC 16	01/01	100	0/01	0
FC 17	03/03	100	0/03	0
FC 18	04/04	100	0/04	0
FC 19	03/03	100	0/03	0
FC 20	06/06	100	0/06	0
FC 21	01/01	100	0/01	0
FC 22	05/05	100	0/05	0
FC 23	05/05	100	0/05	0
FC 24	0/02	0	02/02	100
Total	249/278	90	29/278	10

ANEXO 4

Informantes que não apresentaram dados do objeto em estudo.

INFORMANTES	ESTADOS/CIDADES		
	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
06	Curitiba (CTB)		
01	Pato Branco (PB)		
03	PB		
04	PB		
12	PB		
13	PB		
15	PB		
17	PB		
18	PB		
01	Irati (IR)		
08	IR		
13	IR		
19	IR		
21	IR		
07	Londrina (LD)		
08	LD		
10	LD		
12	LD		
13	LD		
14	LD		
18	LD		
20	LD		
21	LD		
04		Florianópolis (FLP)	
06		FLP	
08		FLP	
12		FLP	
13		FLP	
15		FLP	
16		FLP	
17		FLP	
18		FLP	
20		FLP	
02		Blumenau (BLU)	
03		BLU	
07		BLU	
11		BLU	
12		BLU	
13		BLU	
16		BLU	
05		Chapecó (CHP)	
09		CHP	
17		CHP	
01		Lajes (LJ)	
04		LJ	
06		LJ	
07		LJ	

11		LJ	
13		LJ	
14		LJ	
17		LJ	
18		LJ	
22		LJ	
07			São Borja (SB)
10			SB
13			SB
18			SB
21			SB
22			SB
23			SB
24			SB
02			Panambi (PN)
06			PN
10			PN
16			PN
21			PN
24			PN
03			Porto Alegre (POA)
06			POA
10			POA
11			POA
12			POA
14			POA
17			POA
01			Flores da Cunha (FC)
09			FC